

Capitéis Romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha – Marvão)

Lídia Fernandes*

Resumo

Analisam-se, no presente trabalho, vinte e nove capitéis provenientes da cidade romana de *Ammaia*, actualmente S. Salvador de Aramenha, no Alto Alentejo.

O estudo centra-se em exemplares que se integram na ordem arquitectónica toscana, bem como no que definimos como “capitéis jónicos lisos de influência toscana”. As considerações morfométricas e morfológicas que se estabelecem, assim como as indicações cronológicas que se propõem permitem considerar este conjunto de peças como um dos mais importantes existentes em território nacional.

Palavras-chave: Capitel. Toscano Jónico. Romanização.

Abstract

Twenty nine capitals found in the roman village of Ammaia, (S. Salvador de Aramenha, Alto Alentejo), are here analysed.

The study is based on samples, that can be integrated in the tuscan architectural order, as well as others known as “plain ionic capitals of tuscan influence”.

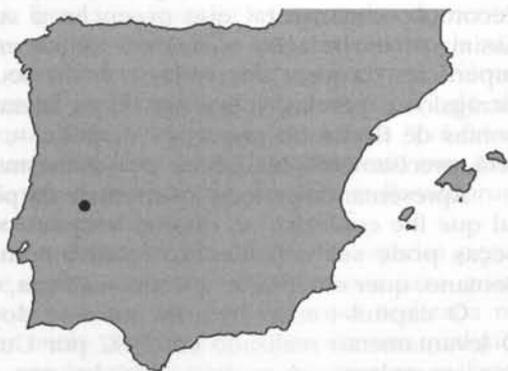
The morphometric and morphological reasons that we establish, as well the chronological indications that we present, allow us to take in to account this collection as one of the most important that exist within our territory borders.

Key-words: Capital. Tuscan. Ionic. Romanization.

* Arqueóloga do Museu da Cidade (Câmara Municipal de Lisboa). Mestre em História de Arte.

1. Introdução

Propomo-nos analisar no presente artigo um conjunto de vinte e nove capitéis provenientes da cidade romana de *Ammaia*, actualmente S. Salvador de Aramenha perto de Marvão. O estudo que realizamos resulta da apresentação à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1997, da Dissertação de Mestrado subordinada ao tema *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*.



Gostaríamos de agradecer ao Doutor Jorge de Oliveira a autorização concedida para o estudo destas peças as quais se nos afiguram de primordial importância para a análise deste tipo de elementos arquitectónicos. Tal respeito não somente ao elevado número e qualidade das peças em presença mas, essencialmente pela tipologia em que estas peças se integram. Com efeito, treze exemplares pertencem à ordem toscana, enquanto os restantes dezasseis se incluem no que, a partir de agora, designaremos por “capitéis jónicos lisos de influência toscana”. Iniciaremos este nosso estudo precisamente pela análise da terminologia empregue ¹.

¹ Quanto a este aspecto, ainda que de forma generalizada, já o havíamos abordado num outro artigo: Fernandes, 1998.

2. Terminologia

Analisemos, antes de mais, o que define um capitel toscano. Vitruvius na sua obra *Os Dez Livros de Arquitectura*, enumera-nos, de forma muito clara, as diversas partes do “capitel à Toscana”, a saber: plinto ou ábaco; *echinus* ou óvulo; *hipotrachelio* com a sua *apophysi* (Granger, trad., 1995, Book IV, C. VII, p. 241).

Este tipo de capitel é, assim, composto por uma sucessão de elementos sobrepostos de distintas designações, eles são, de cima para baixo, o ábaco, o equino, o *hypotrachelio* e o sumoscapo. Também nas peças por nós designadas como “capitéis jónicos lisos de influência toscana”, estas partes constituintes se encontram presentes, ainda que, exclusivamente, nas faces frontais. Quanto às laterais, estas são decoradas por *pulvini* lisos onde nem sequer é assinalado o fuso central, transformando-se em dois toros perfeitamente rectos e que têm a sua terminação, nas faces frontais da peça, em dois discos lisos e planos que delimitam o *kyma* central.

É relativamente frequente observarmos a utilização do termo “jónico liso” em relação a capitéis jónicos que não apresentam qualquer outra decoração além da morfologia básica da estrutura da peça. Ou seja, um capitel jónico liso terá, à semelhança do jónico normal², um ábaco, um equino, dois *pulvini* laterais, um colarinho ou ainda parte do sumoscapo da coluna. Por tal composição estrutural é perfeitamente legítimo designar como “jónicas” peças que possuam estes elementos constituintes. A separação estabelece-se quando passamos à decoração ornamental que preenche a superfície destes vários elementos. Assim, se em relação ao capitel jónico encontramos praticamente todas as superfícies da peça decoradas com os seus motivos habituais – cordões de astrágalos e pérolas, folhas nas faces laterais, *kymas* decorados com óvulos e pontas de flecha ou pequenos dardos... –, o que definirá o tipo “jónico liso” será, precisamente, a ausência desses mesmos motivos.

Apresentando-se toda a superfície da peça lisa, é a sua morfologia estrutural que lhe conferirá, ao mesmo tempo, a sua própria decoração. Este tipo de peças pode ser considerado relativamente normal em relação ao Império Romano, quer em relação a Roma ou Óstia, quer às províncias mais longínquas.

O capitel jónico liso encontra-se documentado na Península Ibérica. O levantamento realizado em 1992 por Gutierrez Behemerid dá-nos conta de dez exemplares em território vizinho que se podem integrar no tipo “jónico liso”. Destes exemplares dois apontam, segundo a autora, para cronologias tardo-republicanas e do séc. I, concretamente uma peça proveniente de Sevilha (Dos Hermanas) (1992, p. 38, peça n.º 118), e uma outra de Murcia (1992, p. 38, n.º 120). Em relação à primeira, os *pulvini* encontram-se decorados, o ábaco é moldurado e as volutas, de canal côncavo, possuem uma incisão biselada espiraliforme. Quanto ao segundo exemplar as faces laterais, apesar de se apresentarem lisas, possuem um fuso com vários listéis. Uma outra peça, desta vez de Sagunto (1992, p. 38, peça n.º 117), sendo do tipo “jónico liso”, apre-

² O termo “jónico normal” há que ser equiparado ao de “jónico canónico”, aplicado em capitéis jónicos que apresentam as quatro faces com igual decoração duas a duas.

senta um acabamento totalmente decalcável do jónico normal. Por último, uma outra peça de Sevilha (Itálica), datável do séc. III (1992, p. 38, n.º 121)³, apresenta o típico ábaco em forma de plinto, enquadrável pois, em épocas mais tardias e em distintas correntes estilísticas.

A presença do “jónico liso” em Óstia é atestada por variadíssimos exemplares, dos quais nos oferece registo Patrizio Pensabene na recolha que faz dos capitéis dessa cidade (1973). Temos, no entanto, variantes dentro deste tipo de capitel. Assim, um conjunto engloba peças onde ainda se encontram presentes alguns dos elementos decorativos tradicionais – semi-palmetas e canal de voluta (1973, p. 43, n.ºs 134 e 135) – ainda que muito esquematizados e simplificados, correspondendo a exemplares datados a partir dos finais do séc. II ou inícios do III. Aqui, a decoração parece não ter sido concluída, fenómeno que tem paralelos nos capitéis coríntios, já que é precisamente a partir dos finais do séc. II que começam a aparecer os designados “capitéis coríntios de folhas lisas”. Desta forma é possível “... seguire un processo de semplificazione, che va dai più antichi (...) ai più tardi con accentuata schematizzazione e spesso irregolarità nelle forme...” (1973, p. 250). Os exemplares que comprovam esta última evolução correspondem, assim, a peças quase informes onde os *puluini* aparecem substituídos por toros rectos, e onde praticamente não existe diferenciação entre a respectiva face frontal e o *kyma* ao qual encostam (1973, ps. 50 e 51, n.ºs 186-193), sendo datados de entre a segunda metade do séc. III e o séc. IV.

Também em relação a Roma documentamos o mesmo fenómeno, com especial incidência a partir da dinastia dos Severos, com o contributo dos *ateliers* então em laboração em Thasos. Estes irão inundar os mercados do centro do Império com peças morfológicamente bem definidas, caracterizadas pela não decoração do equino, e pelo sulco curvilíneo que as volutas encerram. Inúmeros exemplares de Roma documentam perfeitamente esse novo período da decoração do capitel jónico, comportando-se estes como elementos “pré-fabricados” que eram importados sem que a fase final de acabamento estivesse concluída. Capitéis da área sacra do Largo Argentina, ou do *Forum Romanorum* são, assim, réplicas dos que encontramos em Thasos⁴.

Deste modo, há dois fenómenos a distinguir. Por um lado, aquelas peças que não possuíam decoração, já que seriam exportadas sendo, neste caso, a sua ornamentação definitiva, e também a mais pormenorizada, a ser realizada no local para o qual se destinavam. Por outro, as que não apresentavam qualquer decoração porque o objectivo era, precisamente, o de apresentarem as faces lisas. Este último fenómeno é constatado essencialmente em época tardia no que diz respeito ao centro do Império, bem como nas províncias mais longínquas. Quanto a este último caso, poderemos apontar exemplos que nos são fornecidos em território norte africano, como seja o caso de Tingad (*Thamugadi*)

³ A autora indica outras peças sobre as quais, no entanto, não apresenta nem cronologia nem fotografia, p. 38 e 39, peças n.º 123 e 124, de Mérida; n.º 125 proveniente de Sagunto e n.º 126 de Badajoz (Medellin).

⁴ Vide HERRMANN, John J., “The Ionic Capital in Late Antique Rome”, *Archeologia*, 56, Roma, 1988, Plate LXII, fig. 147 e 148, os primeiros provenientes do Largo Argentina e o segundo do *Forum Romanorum*. Cf. com o capitel da Basílica de Thasos, Plate LXVI, fig. 157. Sobre a importação de materiais de Thasos vide op. cit., p. 51 e ss.

(Pensabene, 1986, p. 427, fig. 57-b e fig. 57-e). Aqui, no entanto, na maior parte dos casos não se encontra presente o ábaco ou, quando ocorre, é de altura diminuta, o que se afasta da relação altura ábaco/altura equino que constataremos nos nossos capitéis.

Também exemplares de Tipasa, provenientes da Basílica (Christen, 1968, figs. 32, 33, 34) podem ser aproximados, mas também aqui a cronologia é muito tardia, já que um *chrismon* num dos equinos aponta para uma datação *ante quem* do séc. IV (p. 245). Outras peças jónicas, provenientes de Cartago e de Utica, podem ser comparáveis, no entanto, a ausência do ábaco em muitas delas obriga a considerar um fenómeno evolutivo que, em termos gerais e como já observámos, ocorre apenas em época tardia (Lézine, 1968, essencialmente p. 159 e ss).

O conjunto proveniente de *Ammaia* afasta-se indiscutivelmente dos dois fenómenos a que fizemos referência. Por um lado, pensamos não se tratar de peças inacabadas. A semelhança com aqueles exemplares norte africanos pode, deste modo, ser afastada. Todas as peças que agora apresentamos encontram-se no mesmo estado de acabamento, não possuindo, nenhuma delas, outra decoração para além da que é fornecida pela sua composição estrutural. Poder-se-á colocar a hipótese de se tratar de exemplares que, posteriormente, seriam estudados. Encontramos capitéis ostienses, quer toscanos, quer jónicos, em que tal acontece (Pensabene, 1973, p. 201) e, no que diz respeito ao Norte de África, os exemplos em que esse tipo de revestimento foi empregue são inúmeros (Boube, 1967, Tome VII, p. 320 e s.). Não nos parece, no entanto, que as peças de *Ammaia* tivessem tido revestimento, já que nenhuma de entre elas nos documenta tal procedimento o que se nos depara taxativo já que consideramos um conjunto relativamente amplo de exemplares⁵.

Pensamos, por conseguinte, que o não revestimento destes espécimes terá sido intencional, razão que, em parte, poderá explicar o cuidado técnico e morfométrico empregue na sua realização. Estas reflexões levam-nos a considerar, de igual modo, que estes exemplares não poderão ser analisados na linha evolutiva tardia, correspondente à degeneração do capitel jónico. Enquanto que estes últimos se podem integrar num processo evolutivo de abandono dos cânones, esquematização da decoração e simplificação das formas dos motivos ornamentais, as peças que agora analisamos posicionam-se num outro tipo compositivo onde a morfologia impera e a decoração é intencionalmente abandonada. A não ornamentação destes capitéis aproxima-os, também por essa razão, dos da ordem toscana, nos quais é relativamente normal a não apresentação de qualquer decoração plástica.

Acrescentando mais um dado no que se refere à terminologia empregue, gostaríamos de referir que estes elementos foram designado por Carlos A. Fer-

⁵ A grande quantidade de elementos arquitectónicos realizados em estuque provenientes também deste local prova-nos que esse material era com frequência empregue na decoração dos edifícios, tendo os respectivos vestígios chegado até aos nossos dias em razoável estado de conservação. Estranho seria, pois, que aqueles capitéis tivessem tido esse tipo de revestimento e em nenhum deles, sem excepção, não houvesse chegado até nós qualquer vestígio, mesmo que reduzido, do revestimento em estuque.

reira de Almeida como correspondentes ao “capitel jónico de balaústres” (1986, p. 12)⁶.

Analisemos agora o porquê do emprego, ao mesmo tempo, da designação de toscano quando, à partida, a morfologia do capitel desta ordem arquitectónica se nos depara tão distinta da jónica. De facto, se em relação ao capitel jónico a sua terminação inferior é consubstanciada por cordão ou colarinho decorado (com motivos vegetalistas ou outros) que circunda o perímetro da peça ou preenchendo uma espécie de barra (atingindo alturas variáveis), encontramos nos capitéis que ora nos interessam uma composição frontal que é decalcável da dos capitéis toscanos.

O termo pelo qual optámos – jónico liso de influência toscana – tem, assim, uma significação antes de mais morfológica. A dificuldade com que nos deparámos em atribuir uma outra designação teve em conta, em primeiro lugar, o facto deste tipo de capitel não se encontrar documentado, já que ele tem sido entendido na bibliografia especializada como pertencendo à ordem jónica, constituindo-se como uma sua degenerescência. Por outro lado, pensamos que a influência da ordem toscana, exercida sobre estes espécimes, mais ainda que a jónica, terá sido determinante.

Por fim, pensamos que incorreríamos em erro, antes de mais em termos cronológicos, se aplicássemos simplesmente a designação de “jónico liso”, uma vez que este tipo de peças se encontra documentado em épocas tardias, com especial incidência para os sécs. III e IV, como já vimos.

3. Metodologia de Análise

Na análise destas peças tomamos como ponto de partida o respectivo perfil, a sucessão das suas diversas partes constituintes, bem como a proporção relativa destas entre si. Na medida em que estes exemplares não apresentam decoração, no sentido em que se encontra ausente qualquer representação escultórica na superfície das mesmas, a ênfase foi colocada na linha definidora do seu perfil.

O estabelecimento de grupos, ou de tipos, se bem que possa corresponder a uma divisão de carácter cronológico, prende-se muito mais com alterações técnico-estilísticas. Estas, devido à escassez de elementos passíveis de datação, constituem os únicos factores que podem possibilitar uma apreensão evolutiva deste tipo de materiais. No entanto, e sublinhamos, a “tipologia” enquanto meio de estudo constitui-se somente como um dos vectores de análise destes materiais, questão para a qual já J. Gimeno tinha chamado a atenção, colocando a problemática deste tipo de método precisamente nesse aspecto (1989, p. 104)⁷.

⁶ Apesar de partilharmos a sua opinião em relação ao facto de adoptar o termo “balaústre” em vez do termo *pulvinus*, opção que muitas vezes também seguimos, pensamos não ser inteiramente correcto aplicar essa designação ao capitel jónico, uma vez que, salvo raras excepções, tal se torna redundante já que, normalmente, o capitel jónico canónico é obrigatoriamente, um capitel de balaústres, em oposição ao tipo “jónico-italico” que tem as quatro faces iguais.

⁷ O autor explicita de forma clara esta questão ao referir o perigo “...que lleva consigo una tipologia estricta o una consideración estricta de la tipologia”.

Deste modo, é a especificidade destas peças que define o procedimento metodológico agora empregue, o qual, no entanto, será sempre incompleto porquanto os estudos existentes entre nós se encontram longe de estar iniciados.

4. Capitéis Toscanos (1-13)

4.1. Análise dos Elementos Constituintes

Partiremos dos elementos base, identificados por Vitrúvio para o estabelecimento de grupos. Estes constituir-se-ão pela sua maior ou menor aproximação ao esquema canónico indicado.

Este primeiro agrupamento não excluirá, no entanto, e numa análise posterior, a sua reunião em novos tipos, distintos dos que agora apresentamos, onde as peças serão analisadas segundo novos critérios. Deste modo, as conclusões a que chegaremos no final deste capítulo, corresponderão a um cruzamento de informações recolhidas em análises metodológicas de tipo diverso.

GRUPO A

Peças n.º 1 a n.º 6.

Estes exemplares caracterizam-se por uma canonicidade marcante. Assim, possuem um ábaco alto, liso e de moldura recta, que se sobrepõe a um equino, mais ou menos curvo, consoante os exemplares, mas cuja intersecção com o plano inferior do ábaco é assinalado por pequeno ângulo agudo. O limite do equino, em termos de perímetro, é equivalente ao do ábaco, situando-se os dois elementos, em termos de perfil, no mesmo alinhamento. Inferiormente, o equino descreve uma curva suave cujo perfil pode ser aproximado à definição de “talão ou gola curta” ou de “gola directa” (Bonnevillie, 1980, p. 97, n.º 32), no qual somente uma pequena inflexão de ângulo faz introduzir o último elemento do capitel, o *hypotrachelio*. Este é alto e apresenta-se quase recto. A dimensão desta última parte constituinte, em termos de altura, varia consoante os exemplares. *Hypotrachelio* muito alto na peça n.º 1, o qual se coaduna igualmente com um sumoscapo também elevado, ou *hypotrachelio* bastante mais reduzido quanto à peça n.º 5. O exemplar n.º 6 não permite uma interpretação mais pormenorizada, já que o mau estado em que se encontra não permite observar com detalhe os seus diversos elementos. Parece-nos, no entanto, que não apresenta qualquer moldura a estabelecer a ligação entre as diversas partes, integrando-se, assim sendo, no presente grupo tipológico.

A característica fundamental neste conjunto corresponde ao facto de as diversas partes se sucederem sem que exista qualquer elemento a estabelecer essa ligação. Não observamos, deste modo, qualquer listel ou molduração a fazer a sucessão morfológica.

Poderíamos integrar este grupo no Tipo B de Broise (1969, p. 17), correspondente ao equino em forma de toro. No entanto, este tipo não se define isoladamente, já que aparece associado a variantes e, por vezes, com a junção de outros elementos. A diferença entre o nosso conjunto de capitéis e as composições apresentadas por Broise, onde o equino aparece tratado como toro, reside no facto de, nestas últimas, a união entre esse elemento e o *hypotrachelio*, ou a

gola, ser sempre marcada por listel simples ou composto. Este tipo corresponde à designação, atribuída pelo autor, de “equino de perfil elementar”, na variante do toro, cuja forma é “...caractéristique de la base toscane classique, mais jamais employée seule comme échine de chapiteau” (1969, p. 16). Temos, assim, exemplares mais próximos dos modelos mais simples, e mais antigos também, onde a simplicidade do conjunto procura definir, antes de mais, os diversos elementos compositivos.

GRUPO B

Peças n.º 7 a n.º 9.

Este conjunto apresenta os mesmos elementos constituintes dos observados no conjunto anterior. Temos, assim, e de forma sucessiva, também um ábaco, um equino e um *hypotrachelio*, com idênticas características. A diferença fundamental, baseia-se no facto de os dois elementos constituintes (equino e *hypotrachelio*) se encontrarem separados entre si por uma pequena moldura ou listel. Este, localiza-se precisamente por baixo do equino, após a explanação da sua curvatura.

Este listel, que alguns autores identificam como fazendo parte do *hypotrachelio* (Pensabene, 1973, p. 201), e que nós consideramos antes como delimitador do equino, já que permite a definição plena deste elemento do capitel, é bastante comum em Óstia, em peças datadas desde o séc. I a.C., ainda que aqui seja bastante mais frequente o aparecimento de duplo listel, ao invés dos exemplares de *Ammaia* onde se verifica somente o listel simples.

As peças n.º 8 e n.º 9 são iguais, mesmo no que se refere às dimensões, apresentando diferenças pouco significativas. São capitéis de pequenas dimensões, pouco altos, mas com uma orgânica estrutural perfeitamente conseguida. A curva descrita pelo equino é suave, em forma de garganta encestada (Bonnelville, 1980, p. 97, n.º 30-a) ainda que pouco acentuada.

O perfil destes dois exemplares pode ser aproximado ao tipo BC ou BD de Broise (1969, p. 17), correspondendo a equinos em forma de toro seguido, respectivamente, por moldura côncava ou por garganta reversa. A diferença, quanto aos nossos exemplares, consiste no facto de o *hypotrachelio* nos aparecer muito mais desenvolvido, acontecendo o mesmo em relação ao sumoscapo. Esta característica raramente a encontraremos em peças de outras proveniências como nos refere Broise (1969, p. 20) e Lézine (1955, Planches)⁸.

Seguindo a tipologia de Lézine (1955, p. 13, Tipos 1 e 2), vemos que estas peças de *Ammaia* concentram, no mesmo exemplar, os dois tipos de molduração – toro e garganta encestada – que Broise atribui ao equino. Aqui, embora o equino assuma o perfil de toro, o perfil de garganta encestada restringe-se à molduração do *hypotrachelio*. Apontaríamos, deste modo, uma junção, no mesmo exemplar, dos perfis que nos oferecem as peças de Thurburbo Majus

⁸Apesar de a forma em “garganta reversa” corresponder ao tipo provinciano mais utilizado, pelo menos no que se refere à Gália, e ainda que Lézine faça corresponder este tipo de ocorrência também em peças africanas onde esse tipo de molduração assume uma dimensão notável, a comparação com exemplares desta região, oferece-nos, mais que um desenvolvimento deste elemento do capitel, uma ocorrência maior deste tipo de perfil do que em outros tipos de capitel toscano na região tunisina.

(Lézine, 1955, Pl. I, n.º 1), quanto ao equino; com exemplares de Cartago, El Djem, Acholla, Bulla Regia, Dougga ou Mactar (Lézine, 1955; Cf.: Cartago - Pl. II, n.º 1; El Djem - Pl. II, n.º 5; Acholla - Pl. II, n.º 4, Pl. III, n.º 5 e 7; Bulla Regia - Pl. III, ns.º 1 e 2; Dougga - Pl. III, n.º 6; Mactar - Pl. III, n.º 8.), mas agora em relação ao *hypotrachelio*.

Uma diferença marcante entre as peças referenciadas para o Norte de África e do actual território francês (Tardy, 1989, p. 139 e s.), em relação às que agora estudamos, consiste no facto de se encontrar presente, quase invariavelmente, uma moldura, ou listel, em forma de faixa directa (Bonnevillie, 1980, p.92, n.º 6) por baixo do ábaco, a estabelecer a ligação ao equino. Nas peças de *Ammaia*, essa ligação é directa não existindo qualquer molduração.

Uma base de Banasa⁹ oferece-nos um perfil muito idêntico quanto ao seu desenvolvimento superior. Trata-se de uma base ática e, como tal, com um escape entre dois toros e respectivos listéis (Boube, 1967, Planché XXI, n.º 2). Esta base, como outras peças do mesmo local, corresponde a soluções técnicas e, sobretudo estilísticas, de influência púnica. Capitéis de Banasa, muito possivelmente do mesmo horizonte cultural, de estilo pseudo-lotiformes, mantendo ainda parte do sumoscapo, são datáveis de meados do séc. I a.C.

As semelhanças mais marcantes em relação às peças 8 e 9 de *Ammaia* são-nos dadas por um exemplar de Tarragona apresentado por J. Gimeno (1989, p. 117 e 118, fig. 10). Refere-nos o autor que este tipo de capitel toscano não é habitual entre os registados durante a época romana em *Tarraco*, atribuindo este exemplar a um "tipo toscano canónico avançado". Este espécime, estranho à morfologia normal dos capitéis toscanos da zona, apresenta um surpreendente desenvolvimento do *hypotrachelio* em forma de "cavetto (...) perfectamente definido e independente tanto del equino como del fuste" (1989, p. 117), características que são decalcáveis em relação às peças de *Ammaia*. No entanto, e também aqui, o capitel que ora estudamos oferece-nos uma máxima explanação quanto a esta parte da peça. Na verdade, apesar do *hypotrachelio* não apresentar uma dimensão maior que a do equino, facto para o qual o autor chama a atenção quanto ao exemplar tarraconense, observamos, em relação às peças 8 e 9, que a dimensão é igual, ou sensivelmente a mesma. Existe, pois, uma preocupação marcante em manter uma proporção exacta entre os diversos elementos.

O sumoscapo das peças espanholas, ainda que medianamente desenvolvido, é totalmente independente dos restantes elementos. Tal como em relação aos nossos exemplares, não encontramos nenhuma molduração na união entre o ábaco e o equino. Acima de tudo, e fazendo também nossas as palavras do autor, é de sublinhar a sua perfeita canonicidade bem como o cuidadoso traçado do perfil, aspectos que concorrem para que, cada parte, seja tratada de forma independente, criando uma orgânica interna que não esquece as proporções do conjunto e as relações entre os diversos elementos constituintes.

Este exemplar de Tarragona é datado de uma época imperial antiga, talvez augustana (Gimeno, 1989, p. 118).

⁹ Banasa localiza-se no Norte de África, em território marroquino. Corresponde actualmente a uma localidade de nome Sidi Ali Bousnoute. Quando aí nos deslocámos pudemos observar uma grande quantidade de capitéis.

Um outro capitel, desta vez de Ampúrias e datado do séc. I, oferece-nos também semelhanças com os dois de *Ammaia*. É uma peça que se encontra contextualizada no âmbito de uma reordenação do acesso à cidade, ocorrida durante esse século (Gimeno, 1989, p. 119, fig. 11 e p. 120). Neste exemplar, no entanto, o *hypotrachelio* é mais pequeno e o equino abandona progressivamente a forma de toro circular, para adoptar uma secção morfológica mais alargada, na sua parte inferior, onde termina em forma ligeiramente elíptica ao nível da moldura. É uma diferença que se torna importante, a nosso ver, para a evolução formal deste tipo de peças.

O exemplar n.º 7 distancia-se dos restantes espécimes deste grupo por apresentar um *hypotrachelio* distinto. De facto, a curva descrita após a demarcação do listel do equino, prolonga-se quase em linha horizontal até descrever um ângulo muito acentuado¹⁰, o qual permite o desenvolvimento da parte inferior do *hypotrachelio*, em posição perfeitamente vertical, até se ligar ao sumoscapo. Este contorno só é possível porque o perímetro do sumoscapo do fuste é muito reduzido em comparação com o atingido pelo equino. Desta forma, o perfil por baixo do equino é plano e quase horizontal, o que faz aproximar este exemplar de peças toscanas mais simples, por exemplo de Thurburbo Majus, onde nos surgem dois exemplares (Lézine, 1955, p. 13, Pl. I, n.º 1) muito semelhantes, de perfil composto somente por ábaco, equino e colarinho¹¹, um deles apresentando um listel a estabelecer a ligação entre o equino e o *hypotrachelio*. O perfil simples de curvatura, acentuada na ligação do equino com a parte inferior do capitel, aproximam este exemplar das soluções mais usuais para este tipo de capitel. O equino comporta-se aqui como um verdadeiro toro circular, já que se encontra totalmente separado, em termos de orgânica entre as diversas partes constituintes, dos restantes elementos da peça.

GRUPO C

Peça n.º 10.

Este grupo é composto apenas por um exemplar. No entanto, as suas características justificam a sua integração num tipo distinto.

Caracteriza-se por apresentar um ábaco alto sobreposto a um equino em forma de toro de curvatura muito pouco acentuada, já que a sua parte inferior é rematada por dois sulcos que definem, no seu interior, um listel largo de perfil convexo. Após o sulco inferior inicia-se um *hypotrachelio* muito reentrante. O perfil delineado é, assim, de curvatura marcante¹² e de contorno quase plano por baixo do equino. A ligação ao sumoscapo da coluna, no mesmo bloco, é estabelecida por uma molduração definida por sulco superior. Esta também é larga, semelhante à observada por baixo do equino, o que faz aproximar ambas da definição de moldura reentrante (Bonneville, 1980, p. 94, n.º 16) ou, então, de pequeno toro.

¹⁰ Ângulo obtuso de 118.º.

¹¹ Os termos empregues pelo autor para designar os diversos elementos são, respectivamente: ábaco, toro e garganta (Lézine, 1955, p. 13).

¹² Esta curvatura é substanciada por um ângulo quase recto.

Temos, por conseguinte, um perfil pautado por vários listéis, ao contrário do que observámos no grupo anterior, o que modifica, substancialmente, o aspecto geral do exemplar, muito mais elaborado. O perfil assim obtido aproxima-se do Tipo BDB de Broise (1969, p. 17), composto por toro/garganta/toro. Este tipo é definido como tendo “equinos de moldura tripla” (1969, p. 20) os quais, embora menos frequentes do que os que apresentam moldurações simples, não se podem considerar como raros¹³.

Este novo tipo afasta-se do esquema clássico definido por Vitruvius. À semelhança do que nos refere Broise, também aqui poderemos afirmar que nos encontramos perante um perfil toscano que, apesar de elegante na sua composição, aponta para um género que quase poderia ser qualificado de “barroco” (Broise, 1969, p. 22). Afastando-se do cânone clássico, estas novas soluções poderão ser encaradas como mais tardias, confirmando-se, desta forma, aquilo que o autor refere quanto aos exemplares da Gália, relativamente ao facto de “les profils les plus compliqués semblent les plus tardifs...” (1969, p. 22).

É curioso que Broise contraponha esta complexificação do perfil dos capitéis da Gália à simplicidade dos exemplares norte-africanos, o que não nos parece, em termos gerais, tão linear. Um capitel de Aïn Roumi (próximo de Aïn Rchine, Tunísia) mostra-nos um perfil muito próximo do capitel 10. Esta peça é classificada por Ferchiou (1980, p. 238, fig. 6) como sendo um capitel dórico. Com uma dupla molduração por baixo do equino, em nada se assemelha a um capitel da ordem dórica. A diferença entre a peça de *Ammaia* e o exemplar tunisino, e em cujo factor reside a sua distinta classificação arquitectónica, consiste em este último não apresentar *hypotrachelio*¹⁴.

GRUPO D

Peça n.º 11.

Este grupo enquadra somente um exemplar, o qual, dado o seu estado de conservação, não nos permite tecer grandes comentários acerca do mesmo. No entanto, ainda assim, é possível identificar a existência de um sumoscapo alto que se liga a um *hypotrachelio*, também elevado, o qual deveria descrever uma curva suave de ligação ao equino. Deste elemento já nada resta, bem como do ábaco. As características actualmente observáveis impedem-nos de incluir esta peça em qualquer dos grupos anteriormente definidos.

GRUPO E

Peças n.º 12 e n.º 13.

Estas peças são bastante semelhantes entre si, apesar de o sumoscapo do capitel 12 ser bastante mais alto que o do 13.

¹³ A diferença deste tipo narbonense em relação ao nosso exemplar consiste no facto de que, enquanto que no Tipo BDB de Broise, se define um equino delimitado por dois toros, aqui, o equino não apresenta toro superior, constituindo-se o listel inferior, quase como um verdadeiro toro, dada a importância e dimensão que o mesmo atinge no conjunto.

¹⁴ Parece-nos, no entanto, que mesmo sem apresentar este último elemento, típico do capitel toscano, este exemplar se aproxima, preferencialmente, do perfil deste último, do que dos oferecidos pelo capitel dórico.

A característica fundamental reside no facto de as diversas partes constituintes – equino/*hypotrachelio* e *hypotrachelio*/sumoscapo – apresentarem elementos separadores que podem ser mais aproximados a fins toros do que a verdadeiros listéis, tal como acontece em relação às peças do grupo morfológico B. Por outro lado, o *hypotrachelio* apresenta um perfil semelhante ao descrito para peças africanas que vários autores definem como perfil em “doucine”, e que nós traduzimos por “garganta encastada” (Bonneville, 1980 p. 97, n.º 30-a).

Este perfil é comum em peças norte-africanas e integra-se no Grupo 2 de Lézine (1955, p. 13), ainda que se constate igualmente por todo o Império Romano, desde a Síria até à Gália, ou ainda em Roma. No que respeita às peças de Ammaia a distinção estabelece-se no *hypotrachelio*. Nestas duas peças, o equino continua a adoptar a forma de toro, sendo delimitado inferiormente por uma pequena moldura convexa que introduz um contorno contracurvado terminando, junto ao sumoscapo, num novo toro de pequena altura. É precisamente a esta leitura contínua dos dois toros ou listéis, e do respectivo espaço intermédio, que atribuímos a designação de “garganta encastada”.

Deste modo, são os equinos de capitéis de Bulla Regia, Thina, Dougga, Acholla ou Mactar (Lézine, 1955, Planche III, 1-8), que aproximamos ao *hypotrachelio* das duas peças agora em análise.

Quanto à cronologia destas peças, ela corresponde, na sua grande maioria, a peças do séc. I. É a datação que também encontramos em exemplares galo-romanos onde este tipo de perfil é muito frequente, sendo definido por Broise como grupo I-D (1969).

4.2. Capitéis Toscanos – Análise Morfométrica

A análise que a seguir realizamos diz respeito às dimensões apresentadas pelos vários exemplares. Procuramos, através da explicitação daquelas, observar quais as mais constantes, ou as relações que se evidenciam pela sua frequência. Trabalhamos, quer em termos de dimensões absolutas – o que nos dará informações lineares e dedutivas simples – quer relativas, pondo em confronto elementos morfológicos distintos, enquanto considerados isoladamente. Esta última relação permitir-nos-á, caso se mostre como perspectiva metodológica pertinente, o estabelecimento de constantes que jogam entre si de forma correlativa.

Os quadros apresentados permitem uma mais fácil e rápida visualização da análise que agora realizamos.

4.2.1. O Sumoscapo

Observando o Quadro n.º 1, podemos visualizar as dimensões que apresenta cada exemplar em relação às suas diversas partes, consideradas estas como as definidas por Vitruvius: ábaco, equino e *hypotrachelio*. Para além destas, apresentam-se igualmente as dimensões respeitantes à altura total da peça, bem como as medidas do ábaco, a altura do sumoscapo e o diâmetro da base da peça.

QUADRO N.º 1
CAPITÉIS TOSCANOS
DIMENSÕES DOS ELEMENTOS CONSTITUINTES (cm)

N.º	A.	A.A.	D.A.	A.E.	A.H.	A.S.	D.B.
1	52	9	52	8	11	25	35
2	33	9?	55 (?)	10	5	17	39
3	?	10	52 (?)	10	12 (?)	?	36 (?)
4	36	6	39	8	8	14	29 (?)
5	36	6	39x39	8	11	14	43
6	30	?	?	8	7	10	41
7	35	8	41	6	8.5	12.5	21
8	31	7	35	7	7	10	21
9	31	7	37	6.5	7	9	22
10	38	8	45	8	14.5	8.5	29
11	43	7	?	?	?	22	22
12	48	12	60	9.5	13	13.5	49
13	40	11	58	10	11	8	49

DIMENSÕES:

A. - Altura total

A. A. - Altura do ábaco

D. A. - Dimensões do ábaco

A. E. - Altura do equino

A. H. - Altura do *hypotrachelio*

A. S. - Altura do sumoscapo

D. B. - Diâmetro da base

Uma das características constantes dos exemplares de *Ammaia* é o facto de todos eles apresentarem sumoscapo. Mais alto em algumas peças – como seja o caso dos exemplares 1, 2, 11 – com uma altura intermédia-as peças 4 e 7 – e com medidas francamente inferiores as peças 9, 10. Com pouca diferença destas últimas, mas mais uniformes, estão os exemplares 5, 6 e 8.

Observando peças de Óstia constataremos que o sumoscapo se encontra presente em praticamente todas elas. O facto curioso é que essa presença ocorre, na maior parte dos casos, paralelamente à supressão do *hypotrachelio* (Pensabene, 1973, Tavolas I-VII e respectivos comentários).

Observa-se, nos nossos capitéis, uma maior ocorrência de dimensões do sumoscapo até uma altura de 14 cm, medida que, a partir daí, extrapola, somente com duas ocorrências, para as alturas de 17 cm e de 25 cm, cada uma respectivamente com um só exemplar.

Podemos considerar, em relação à altura atingida pelo sumoscapo, três grupos distintos:

GRUPO S. 1 - Peças 10, 9 e 13: sumoscapos com uma altura que varia entre os 8 e os 9 cm.

GRUPO S. 2 - Peças 4, 5, 6, 8, 7 e 12: alturas que variam entre 10 e os 14 cm.

GRUPO S. 3 - Peças 1, 2 e 11: sumoscapo com alturas acentuadas e muito variadas entre os 17 e os 25 cm.

4.2.2. Hypotrachelio

Quanto a este elemento constituinte, que funciona como transição entre o equino e o sumoscapo, observamos que as dimensões são mais constantes. Obtemos uma média de 9 cm ainda que, neste caso, as variações não sejam tão grandes como as observadas no sumoscapo. Temos, deste modo, uma altura mínima de 5 cm e uma máxima de 14,5 cm. É nítida a preferência por um *hypotrachelio* medianamente alto sendo os grupos preferenciais o H.2 e o H.3 como a seguir apresentamos. Estabelecemos os seguintes grupos:

- GRUPO H. 1 - Peça 2: o *hypotrachelio* apresenta uma altura de 5 cm.
- GRUPO H. 2 - Peças 4, 6, 7, 8 e 9: alturas que se situam entre os 7 e os 8,5 cm.
- GRUPO H. 3 - Peças 1, 3, 5, 12 e 13: uma altura do *hypotrachelio* variável entre os 11 e os 13 cm.
- GRUPO H. 4 - Peça 10: peça com um *hypotrachelio* de 14,5 cm.

4.2.3 Equino

Tal como os elementos constituintes anteriores, também aqui as alturas são variadas. Embora essa variação métrica não seja muito considerável, há que ter em conta o maior ou menor número de ocorrências quanto a cada dimensão, o que se torna nítido na concentração de dimensões de 8 cm para este elemento. Podemos estabelecer alguns grupos:

- GRUPO E. 1 - Peças 7, 8, 9: as dimensões do equino variam entre os 6 e os 7 cm.
- GRUPO E. 2 - Peças 1, 4, 5, 6 e 10: o equino apresenta uma mesma altura de 8 cm.
- GRUPO E. 3 - Peças 2, 3, 12 e 13: uma mesma altura de 10 cm para ambos os exemplares (ainda que a peça 12 tenha 9,5 cm).

4.2.4. Ábaco

As alturas do ábaco são, também aqui, pouco variáveis. Em todos eles esta parte do capitel apresenta-se lisa, sem qualquer decoração ou molduração. Este aspecto é importante pois define-se como mais um aspecto a sublinhar a especificidade do conjunto agora estudado.

A média das dimensões é de 8 cm. Numa análise de conjunto se compararmos com a média da altura do equino elas são muito próximas. As variações a esta medida não são, desta forma, muito díspares. Temos, assim, uma dimensão máxima de 11 cm e uma medida mínima de 6 cm. Podemos integrar os exemplares nos seguintes grupos:

- GRUPO A. 1 - Peças 4 e 5: com uma altura homogénea de 6 cm.
- GRUPO A. 2 - Peças 8, 9 e 11: ábacos com uma altura constante de 7 cm.
- GRUPO A. 3 - Peças 7, 10: ábacos com uma altura constante de 8 cm.
- GRUPO A. 4 - Peças 1, 2, 3, 12 e 13: ábacos com uma altura entre 9 e 12 cm.

4.3. Considerações sobre os grupos Morfométricos dos Capitéis Toscanos

Se compararmos as diversas dimensões dos três elementos definidos por Vitruvius para os capitéis toscanos, podemos verificar uma relação directa entre as medidas do ábaco e do equino, sendo nítido o facto de a amplitude das medidas do *hypotrachelio* ser muito superior à apresentada pelas do equino e do ábaco. Para esta relação já J. Gimeno tinha posto a tónica (1989, p. 110, n.º 40).

As alturas do *hypotrachelio* são, geralmente, bastante maiores, contrariando, assim, as disposições vitruvianas que definiam uma altura igual para as três partes do capitel (Granger, trad., 1995, Book IV, C. VII, p. 241). É lícito, portanto, concluir que aquele elemento, para além de demonstrar uma menor relação com as dimensões das restantes partes constituintes, apresentar, isoladamente, uma alteração muito mais acentuada.

Somente em dois exemplares – 8 e 9 – as alturas do *hypotrachelio* são iguais às do ábaco e do equino, ainda que as peças 7 e 13 não se encontrem muito longe desse facto¹⁵. Apenas se encontrem em duas peças – 8 e 9 – as três dimensões (ábaco, equino e *hypotrachelio*) são precisamente iguais.

Quanto ao equino, observamos que a sua altura é muito próxima dos valores apresentados pelo ábaco. Com as mesmas dimensões temos as peças 3, 8, 10 e, possivelmente, também a peça 9.

QUADRO N.º 2
CAPITÉIS TOSCANOS
COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS MORFOMÉTRICOS E GRUPOS MORFOLÓGICOS (cm)

N.º	Altura Ábaco	Altura Equino	Altura Hypotra.	Altura Sumoscapo	Grupo
1	9	8	11	25	A
2	9 (?)	10	5	17	A
3	10	10	12	-	A
4	6	8	8	14	A
5	6	8	11	14	A
6	-	8	7	10	A
7	8	6	8,5	12,5	B
8	7	7	7	10	B
9	7	6,5	7	9	B
10	8	8	14,5	8,5	C
11	7	-	-	22 (?)	D
12	12	9,5	13	13,5	E
13	11	10	11	8	E

Quanto ao número de ocorrências em cada dimensão, como podemos ver no QUADRO n.º 3, observamos que, em relação ao ábaco, a altura de 7 cm é a mais corrente, sendo seguida da altura correspondente a 6 e a 9 cm. Em relação ao equino, a altura mais frequente é também a de 8 cm, sendo seguida pelo grupo que apresenta medidas de 10 cm. Verificamos, deste modo, tal como já

¹⁵ Em seis peças a altura do *hypotrachelio* é maior que a dos restantes elementos – peças 1, 3, 4, 5, 10, 12 –, enquanto que numa delas – peça 2 – a altura daquele é inferior à das outras partes do capitel.

háviamos constatado, que estas duas medidas ocorrem paralelamente, estabelecendo uma ligação directa entre si.

QUADRO N.º 3**CAPITÉIS TOSCANOS****DIMENSÕES DOS ELEMENTOS CONSTITUINTES****NÚMERO DE OCORRÊNCIAS**

Altura Ábaco (cm)	N.º de Ocorrências
4	0
6	2
7	3
8	2
9	2
10	1
11	1
12	1

Altura Equino (cm)	N.º de Ocorrências
5	1
6	1
6.5	1
7	1
8	5
9	0
9.5	1
10	3

Altura Hypotrac. (cm)	N.º de Ocorrências
4	2
4.5	1
5	3
6	0
7	3
8	1
8.5	1
11	3
12	1
13	1
14	0
14.5	2

Altura Sumoscapo (cm)	N.º de Ocorrências
8	1
8.5	1
9	1
10	2
12.5	1
13,5	1
14	1
17	1
22	1
25	1

Podemos concluir que os dois elementos superiores – ábaco e equino – se comportam de forma unitária, percebendo-se uma ligação directa entre as duas. Esta constância, no entanto, não se verifica em relação ao *hypotrachelio*, que se comporta fisicamente como se tratasse de um elemento adossado, independente dos restantes.

Em relação ao *hypotrachelio*, a altura mais comum é a de 5, 7 e 11 cm, ainda que aqui, e como se pode observar no respectivo quadro, as dimensões sejam muito mais variáveis.

Quanto ao sumoscapo, as alturas atingidas por este elemento apresentam uma amplitude maior, não se observando qualquer incidência de peças em relação a uma altura determinada. Este facto é facilmente compreensível uma vez que esta parte do capitel quase pode ser considerado como fazendo parte do fuste.

No QUADRO N.º 4 podemos visualizar a correspondência entre os grupos morfológicos, que definimos inicialmente, com os formados quanto aos aspectos morfométricos.

QUADRO N.º 4
CAPITÉIS TOSCANOS
QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS GRUPOS MORFOLÓGICOS E MORFOMÉTRICOS

N.º Peças	Grupo Morfológico	Grupo métrico Ábaco	Grupo métrico Equino	Grupo métrico Hypotrc.	Grupo métrico Sumosc.
1	A	A.4	E.2	H.3	S.3
2	A	A.4	E.3	H.1	S.3
3	A	A.4	E.3	H.3	-
4	A	A.1	E.2	H.2	S.2
5	A	A.1	E.2	H.3	S.2
6	A	-	E.2	H.2	S.2
7	B	A.3	E.1	H.2	S.2
8	B	A.2	E.1	H.2	S.2
9	B	A.2	E.1	H.2	S.1
10	C	A.3	E.2	H.4	S.1
11	D	A.2	-	-	S.3
12	E	A.4	E.3	H.3	S.2
13	E	A.4	E.3	H.3	S.1

Observamos aí que o GRUPO A, definido por não possuir listéis ou molduras a estabelecer a união das diversas partes constituintes, é o que tem, ao mesmo tempo, uma maior variação quanto às dimensões das suas partes, consideradas estas não só em relação às definidas pelo modelo vitruviano mas, igualmente, tendo em conta o sumoscapo da coluna.

4.4 Considerações Cronológicas sobre os Capitéis Toscanos

Tal como havíamos referido ao tratarmos dos aspectos metodológicos no início da análise destes exemplares, a atribuição cronológica a capitéis toscanos é extremamente complexa. A dificuldade em definir estas peças, classificando-as

como capitéis ou considerando-as como bases é, desde logo, um dos primeiros obstáculos com o qual nos deparamos¹⁶.

O conjunto de capitéis de *Ammaia* é, pela sua quantidade e qualidade, o mais importante que conhecemos. O exemplar 10 depara-se-nos como o mais interessante pelo sábio posicionamento das moldurações as quais, apesar de um certo “barroquismo” decorativo, não deixam, por isso, de formar um todo atractivo.

Para além da análise comparativa realizada, haverá que contextualizar estas peças com as escavações levadas a cabo na Quinta do Deão, em S. Salvador de Aramenha, durante os últimos anos. Os trabalhos, dirigidos pelo Dr. Jorge Oliveira¹⁷, não possibilitaram grandes informações cronológicas relativas à ocupação do local durante os primeiros tempos do domínio romano, ainda que tenham colocado a descoberto vestígios urbanísticos de extrema importância.

A existência de vinte e nove capitéis neste local leva-nos a relacioná-los, de forma óbvia, com o primeiro momento de renovação citadina da cidade atribuível, em termos gerais, à primeira metade do séc. I.

O estabelecimento de grupos morfométricos permitiu a percepção de constantes passíveis de serem relacionadas com a especificidade formal de cada peça, revestindo-se de grande importância quando em comparação com outros **exemplares**¹⁸ e permitindo concluir que se tratam de **espécimes** de dimensões consideráveis¹⁹.

As peças de *Ammaia* podem ser integradas numa primeira fase de produção deste tipo de capitéis, caracterizados por as diversas partes constituintes serem mais bem demarcadas em qualquer dos dois grupos morfológicos (Grupo A e B), e onde, a cada uma das partes, é concedida a sua máxima explanação.

A redução desses elementos, em termos de altura²⁰ ou, se preferirmos, o seu atrofiamento, ainda que os cânones continuem presentes ao ponto de nenhuma das partes ser omitida, será um aspecto importante. Ela traduzir-se-á na produção de peças mais tipificadas e lineares, menos elegantes no conjunto

¹⁶ De facto, variadíssimos autores sublinham essa confusão tão corrente. J. Gimeno, investigador ao qual recorremos múltiplas vezes durante a análise comparativa que efectuámos, coloca explicitamente essa dúvida quanto a algumas peças que analisa, ao afirmar, em relação a uma delas, “...nos inclinamos, por nuestra parte a su identificación como capitel, lo que debemos especificar por cuanto se refiere a la nomenclatura a emplear. En otro caso, puede interpretarse con su homóloga en la basa (Gimeno, 1989, p. 117, fig. 10). O autor refere-se a um capitel proveniente de Tarragona o qual, actualmente, se encontra em exposição no Museu Arqueológico da mesma cidade, mas identificado como base.

¹⁷ Aproveitamos, mais uma vez, para agradecer a disponibilidade e apoio concedidos pelo Dr. Jorge Oliveira, das várias vezes que nos deslocámos à estação arqueológica da qual é director. Para além da autorização do estudo das peças, as indicações que nos prestou em relação à escavação do local foram extremamente úteis.

¹⁸ Como, por exemplo, peças provenientes da Herdade do Carvalhal (Constância), depositadas no Museu Municipal de Abrantes ou, pelo contrário, estabelecendo comparações de proximidade com outros, como poderá acontecer com os capitéis de Idanha-a-Velha.

¹⁹ Bastante maiores do que, por exemplo, as peças referidas de Constância.

²⁰ Consideramos a altura como a dimensão mais importante para o estabelecimento deste tipo de comparações, as quais nos podem dar informações em termos de alterações estilísticas e, consequentemente, também a nível cronológico. As dimensões em termos de largura e profundidade são menos viáveis já que se podem prender, com o tamanho e tipo de edifícios.

mas, também, de carácter menos maciço. Forma e função encontram-se, assim, e num primeiro momento, plenamente interligadas, mas afastam-se, em épocas mais avançadas no tempo, perdendo a sua mais directa inter-relação.

As dimensões destas peças são consideráveis, maiores do que as constadas em outros conjuntos (como é o caso dos exemplares da Herdade do Carvalhal) se exceptuarmos as peças 8 e 9, as quais têm uma altura de 31 cm, mais consonante com as dimensões dos capitéis de outros locais²¹. Este facto deverá estar relacionado, em nossa opinião, com o seu aspecto utilitário: as peças mais pequenas destinaram-se certamente à arquitectura doméstica.

Uma característica uniformizadora neste grupo é a posição relativa entre o ábaco e o equino. De facto, no conjunto de *Ammaia*, sem excepção, estes posicionam-se, em termos de perfil, precisamente no mesmo alinhamento. A união entre o ábaco e o equino é, deste modo, muito pouco marcada correspondendo a uma reentrância que varia entre 0,5 e 1 cm. Esta característica é típica, tal como assinalou J.Gimeno, "...de los capiteles dóricos arcaicos, siendo muy escasa su presencia en los ejemplares itálicos republicanos o posteriores" (1989, p. 106), o que nos leva a recuar a datação destas peças para um período muito pouco avançado do séc. I, ainda que tal comparação com exemplares dóricos não obrigue a considerar, no que diz respeito ao caso português, um substracto grego ou helenizante na formação morfológica destas peças.

5. Capitéis Jónicos Lisos de Influência Toscana (14-29)

5.1. Análise Comparativa Morfológica

No estudo destas peças tomámos em consideração, quanto à sua análise morfológica, as faces frontais e as laterais. A análise que efectuaremos consistirá numa primeira classificação que terá em conta, essencialmente, a forma adoptada por cada uma das partes da peça, tendo também em atenção a importância relativa assumida por cada um dos elementos constituintes – ábaco, equino, *hypotrachelio* e sumoscapo – à semelhança do que efectuámos para os capitéis toscanos.

Numa segunda fase, debruçar-nos-emos sobre os aspectos morfométricos dos exemplares tendo em conta as dimensões de cada uma das partes constituintes.

A ausência decorativa, quanto a motivos desenhados, gravados ou esculpidos na superfície dos exemplares, ocorre a par de uma regularidade formal dos diversos elementos constituintes, correspondendo este aspecto ao seu traço mais marcante, sobretudo se tivermos em consideração o facto de todas as peças terem sido talhadas em granito da região²².

²¹ A média de altura dos capitéis de *Ammaia* corresponde a cerca de 37 cm, enquanto a das peças da Herdade do Carvalhal corresponde a 28,7 cm.

²² Facto curioso uma vez que se encontraram, no mesmo local, algumas peças em mármore, tal como nós próprios tivemos ocasião de observar; concretamente um troço de fuste em mármore acinzentado, bem como um fragmento de cornija.

O conjunto de *Ammaia* destaca-se por essa normalização morfométrica, bem como pela qualidade executiva e organicidade do todo. As peças, muito semelhantes entre si, apresentam características distintas, as quais corresponderão, mais do que a uma diferença tipológica, a pequenas alterações de perfil e a distintas dimensões absolutas, certamente relacionáveis com uma utilização arquitectónica também diferencial.

GRUPO 1

Composto pelas peças n.º 14 a n.º 22

Este grupo caracteriza-se por apresentar as três partes constituintes perfeitamente definidas entre si.

O ábaco é grande e sem qualquer decoração ou molduração. Justapõe-se a um equino, também ele alto, ainda que existam algumas variações, em termos de dimensão. A relação existente entre o ábaco e o equino é de uma perfeita justaposição, comportando-se os dois elementos como partes distintas entre si. O sulco delimitador é bem marcado ainda que, quanto à parte frontal, essa separação seja materializada, no máximo, por uma reentrância de 1,5/2 cm. Ábaco e equino atingem o mesmo diâmetro: posicionam-se, deste modo, no mesmo alinhamento vertical.

O equino adopta a forma de toro ainda que, em alguns casos, se possa assemelhar a um quarto de círculo. A primeira forma corresponde, no entanto, ao perfil mais frequente.

Por baixo dele, e a delimitá-lo, uma pequena moldura. Esta pode ser comparável a um listel simples (Bonneville, 1980, p. 91, n.º 1) ou a um filete directo (idem, 1980, p. 91, n.º 2), mas cuja terminação inferior é curva²³. Esta moldura delimita inferiormente o equino, sendo o seu perímetro reentrante em relação ao do equino.

A moldura inicia o novo elemento correspondente ao *hypotrachelio*. Apresentando um perfil quase vertical nos dois terços inferiores, ele descreve uma curvatura que poderíamos aproximar à designação de “escapo directo” (idem, p. 96, n.º 26). Esta parte da peça é, também ela, alta, vertical e de curvatura bem descrita na sua parte superior. Inferiormente, justapõe-se ao sumoscapo, o qual se inicia por um breve recuo em relação ao *hypotrachelio*, podendo este atingir no máximo 1 cm e sendo marcado, a maior parte das vezes, por talhe em bisel. Também quanto ao sumoscapo as dimensões variam muito, já que pode adoptar uma altura considerável. No entanto, e salvo algumas excepções que serão assinaladas, a dimensão deste elemento é proporcional à altura do *hypotrachelio*²⁴.

A enorme dificuldade em encontrar paralelos para estas peças leva-nos a estabelecer comparações essencialmente com capitéis toscanos. Este facto torna-

²³ Pensamos que, inicialmente, e como é possível ainda observar em alguns exemplares, o perfil destas molduras seria recto, ainda que actualmente, e devido ao desgaste da superfície, algumas das molduras apresentem um perfil arredondado.

²⁴ Tal como referimos anteriormente quando analisámos os capitéis toscanos, este elemento, em termos de altura, corresponde a um aspecto secundário, já que esta parte da peça se destina a encaixar no fuste. Deste modo, o sumoscapo pode então ser considerado como parte desse elemento, pertencendo ao capitel apenas em termos de execução técnica.

-se tanto mais pertinente quanto comparamos o perfil destas peças, no que diz respeito à sua face frontal, com o oferecido por aquelas, facto para o qual já havíamos chamado a atenção quando abordámos a nomenclatura empregue para este tipo de capitel.

Assim, e partindo do perfil, poderíamos apontar como paralelo um capitel proveniente de Tarragona (zona das Ramblas) com uma cronologia dos finais do séc. I a.C. ou já da época de Augusto, que é classificado por J. Gimeno como “canónico avançado” (1989, p. 117 e 118, fig. 10)²⁵. Quanto à sua morfologia, diz-nos o autor que o facto de possuir um “...hipotraquelio em cavetto de importante desarrollo” será uma forma de a peça atingir uma maior altura. Quanto aos nossos exemplares, encontramos do mesmo modo um *hypotrachelio* bastante desenvolvido e com uma altura que pode chegar a atingir cerca do dobro do tamanho do equino – peças 14 e 28 – ou mesmo ultrapassá-lo, como acontece no exemplar 29. A diferença mais assinalável encontra-se morfologia do equino. De facto, e em relação ao exemplar de Tarragona, o seu perfil é elíptico, enquanto que, nos capitéis *ammaiensis*, a forma adoptada é mais consonante com a de toro ou de quarto de círculo. O sumoscapo da peça de Tarraco é alto e liso apresentando-se ligeiramente retraído em relação ao elemento superior, tal como encontramos nos nossos exemplares. Aqui, no entanto, o fuste chega a ter dimensões acentuadamente mais elevadas – peças 15, 17, 22. A separação do equino/*hypotrachelio* é igualmente realizada por uma pequena moldura em forma de listel directo, tal como já observámos, elemento que aproxima ainda mais estes exemplares *ammaiensis* ao de Tarragona.

Uma outra peça, desta vez de Ampúrias (Gimeno, 1989, p. 119 e 120, fig. 11), oferece idênticas características, exceptuando o facto de a parte inferior do ábaco terminar em talhe biselado, aspecto que não se documenta em nenhuma das peças provenientes de *Ammaia*. A cronologia é a mesma da do exemplar tarraconense.

Paralelos para a morfologia do equino destas peças – toro ou quarto de círculo²⁶ – encontramos-os no Norte de África. Peças de *Thuburbo Majus* ou de *Bulla Regia*, apresentam, da mesma forma, equinos em forma de toro (Lézine, 1955, p. 14 e 15, Pl. I – 1, 2, 4). No entanto, a semelhança entre o conjunto norte-africano²⁷ e o de *Ammaia* restringe-se à morfologia do equino, nada mais podendo ser aproximado. O autor que analisa estes exemplares não refere qualquer cronologia em relação a esta forma específica, apesar disso, os comentários que tece quanto à sua origem, levam a colocar a hipótese de ser bastante recuada.

Quanto à morfologia do equino em “quarto de círculo”, essa é a forma mais corrente em peças tunisinas (Lézine, 1955, p. 26), a qual talvez possa denotar uma filiação no desenvolvimento que o capitel dórico sofreu durante a época helenística²⁸. No entanto, mais que um contributo helenístico, há que ver

²⁵ Esta peça encontra-se actualmente em exposição no Museu Arqueológico de Tarragona estando classificada como “base”.

²⁶ Preferimos no entanto a primeira destas duas designações, o segundo termo talvez se aproxime mais do equino da peça 28, ainda que pensemos que se trate de uma modificação pontual.

²⁷ Não só tunisino, já que o autor inclui igualmente peças de Marrocos e da Argélia.

²⁸ Aspecto que já tínhamos igualmente observado quanto aos capitéis toscanos.

nestas formas, sobretudo no que diz respeito ao equino em forma de toro, essencialmente um contributo itálico. A cronologia que o autor atribui à generalidade das peças que analisa, independentemente da morfologia adoptada por cada um dos elementos constituintes, é a dos finais do séc. I a.C.

A forma do equino em quarto de círculo pode ser igualmente aproximada ao tipo A da tipologia de Broise (1969, p. 17), sobre a qual o autor refere que é característica do capitel toscano clássico, ainda que não documentada no Vale do Ródano. Quanto ao equino em forma de toro, este corresponde à forma BC de Broise, aliando a essa morfologia uma moldura côncava situada na parte inferior do equino e separada dele por um listel directo (1969, p. 17 e 20). É esta a forma mais identificável com os exemplares de *Ammaia*. Esta característica formal regista-se em várias peças da região gaulesa, analisadas pelo mesmo autor, integrando-se no que classifica como “ordre toscan provincial”, ainda que não corresponda à forma mais vulgar (1969, p. 22). A influência mais directa parece dever-se ao fundo itálico antigo, mais que a uma influência directa de tradição helenística.

Encontramos peças toscanas semelhantes também em Sagunto e Numância, todas do séc. I (Gutierrez Behemerid, 1992, p. 19, respectivamente n.ºs 25, 20 e 23)²⁹. Mas será de Mérida que nos chega uma das peças que mais se pode aproximar ao que agora designamos como “jónico liso de influência toscana” (Gutierrez Behemerid, 1992, p. 38, n.º 122 e G. Behemerid, 1988, p. 82, Lámina XXII-44). Trata-se de um capitel com equino em forma de toro que se sobrepõe a um *hypotrachelium* alto e com perfil, em forma de “escapo directo”. Dois *puluini* laterais, também em forma de toros, mas agora rectos, decoram as faces laterais do capitel. Um fuso central, composto por três pequenos listéis convexos, decoram os mesmos.

Se exceptuarmos o fuso central dos *puluini*, este exemplar emeritense é quase decalcado das peças que agora analisamos. No entanto, a cronologia proposta por Gutierrez Behemerid, numa primeira publicação de 1988, aponta para o séc. IV, ainda que a mesma autora recue essa cronologia para o séc. III quando a apresenta novamente, em 1992 (1992, p. 38, n.º 122). Ambas as cronologias nos parecem demasiado avançadas. Sendo assim, se não corresponder a uma sobrevivência em época tardia de uma tipologia de capitel que, na parte ocidental da província, teria estado em utilização essencialmente no início da romanização³⁰, poderíamos fazer recuar a sua datação para o séc. I.

Deste modo, e igualmente com base nos exemplares toscanos, pensamos que este grupo de *Ammaia* deverá abranger, cronologicamente, o período entre os finais do séc. I a.C. ou os primeiros decénios da centúria seguinte.

²⁹ As descrições que a autora apresenta em relação ao equino são, no entanto, distintas de exemplar para exemplar, ainda que, em nossa opinião, todos eles correspondam à morfologia de “equino em forma de toro”. Assim para as peças n.ºs 25 e 20, a autora descreve esse elemento como “perfil semicircular”, enquanto que no que diz respeito ao capitel numantino a autora refere o termo “perfilado em toro”.

³⁰ Problema que poderia ser esclarecido com a análise do espólio do local onde o capitel foi encontrado. Note-se que este capitel de Mérida pertence à designada “Casa del Anfiteatro” encontrando-se ainda *in situ*.

GRUPO 1 a)

Composto pela peça 23.

Em termos morfológicos, as características são as mesmas das descritas para o Grupo 1; a única diferença consiste no facto de, neste exemplar, o sumoscapo apresentar uma altura acentuadamente mais pequena. Se bem que as diferenças em termos de dimensões sejam assinaladas quando tratarmos da análise morfométrica, neste caso em particular esta parte da peça é tão reduzida que pensamos não a dever incluir naquele grupo, já que aí as dimensões das diversas partes que compõem o capitel são sensivelmente homogêneas.

No entanto, quer os comentários realizados para o grupo anterior, quer a cronologia proposta têm, também aqui, a sua correspondência.

GRUPO 2

Composto pelas peças 24, 25 e 26.

Integramos estes capitéis num mesmo grupo morfológico pelo facto de existir uma total separação entre a parte superior das peças – composta pelo ábaco e equino – e a parte imediatamente subjacente – *hypotrachelio* e sumoscapo.

Na peça 24, a separação entre estes dois últimos elementos é muito ténue, facto que se deverá ao desgaste da superfície do capitel.

Nestes exemplares a ligação entre as duas partes acima referidas abandona o perfil descrito para o Grupo 1, caracterizado por perfil em escapo directo, para adoptar uma ligação muito mais marcada, quase em ângulo recto. O pequeno listel directo situado por baixo do equino e a delimitá-lo inferiormente, ainda que mais retraído do que aquele, é o elemento que, verdadeiramente, estabelece a ligação com a parte constituinte inferior.

Quanto às peças 25 e 26, a sua observação foi extremamente difícil devido ao local onde se encontram³¹. No entanto, e pelo que nos foi dado observar, pensamos poder aproximá-las à 24. Apesar de apresentarem um *hypotrachelio* bastante mais alto, a característica que ora nos interessa, e que, também aqui, se encontra presente, é o facto de a ligação equino/*hypotrachelio* ser traduzido pelo pequeno listel delimitador do equino, mais retraído que este, e pelo facto de a curvatura inferior corresponder, praticamente, a um ângulo recto.

GRUPO 3

Composto pelas peças 27, 28 e 29 (?).

Este conjunto é caracterizado pelo facto de as peças não apresentarem um dos elementos constituintes, o *hypotrachelio* ou o sumoscapo. De facto, não nos é possível chegar à conclusão se o elemento presente é um ou outro. Se em relação à peça 27 nos inclinaríamos para o primeiro, quanto à 29, a sua morfologia leva-nos a afirmar que o *hypotrachelio* funciona, ao mesmo tempo, como sumoscapo, ou seja, como parte integrante do fuste, no qual encaixaria. Devido ao facto da peça se encontrar actualmente caída, não sendo possível,

³¹ Vide catálogo.

por essa razão, observar a retracção que marca o início do sumoscapo, ela poderá pertencer ao grupo 1.

As peças apresentam um ábaco e um equino semelhantes aos que tínhamos encontrado nos exemplares anteriormente descritos no Grupo 1 e 2. A peça 27 apresenta uma outra característica que corresponde ao facto de, e sublinhamos que é um dos poucos exemplares em que tal se observa, o equino ultrapassar, em altura, a dimensão máxima dos toros laterais ou *puluini*, justificando a diferença métrica e morfológica entre as faces laterais e as frontais. No QUADRO N.º 8 resumem-se as diferenças principais dos vários grupos.

Reafirmamos os comentários efectuados no Grupo 1, quanto às análises comparativas, bem como em relação à cronologia então proposta.

5.2. Definição Tipológica dos Aspectos Morfométricos

Seguindo a metodologia ensaiada anteriormente estabelecemos distintos grupos morfométricos, criados a partir das diversas dimensões que os vários elementos constitutivos apresentam – QUADRO N.º 5.

QUADRO N.º 5
CAPITÉIS JÓNICO LISOS DE INFLUÊNCIA TOSCANA
DIMENSÕES DOS ELEMENTOS CONSTITUINTES (cm)

N.º	Altura Ábaco	Altura Equino	Diâmetro Toros	Altura <i>Hypotr.</i>	Altura Sumoscapo
14	8	7	7	12	12
15	7	6	6	8	13
16	8	8	8	8	14
17	8	7	7	10	25
18	8	8	8	10	10
19	9	7,5	7	9	11
20	8	8	8	10	11
21	8	10	10	14	14
22	8	8	8	8	17
23	11	8,5	8	7	4
24	8	7,5	7,5	8	8
25	6,5	6,5	7	6	12
26	9	7	7	5	19
27	8	10	8	7	-
28	9	6	6	13	-
29	8	8	7,5	27	-

Deste modo, estabelecemos os seguintes grupos morfométricos:

5.2.1. Ábaco

Os quatro grupos definidos quanto às dimensões apresentadas por este elemento são distintos entre si. Nos dois extremos temos uma altura mínima de 6,5 cm – peça 25 – e uma altura máxima de 11 cm – peça 23. O estabelecimento de grupos foi muito simplificado já que as alturas dos ábacos se escalonam de

forma perfeitamente regular. A medida que ocorre mais é, sem dúvida, a correspondente a 8 cm (nove peças).

- GRUPO A.1 - Peças 15, 25: com alturas que variam entre os 6,5 e os 7 cm.
 GRUPO A.2 - Peças 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 27, 29: alturas constantes de 8 cm.
 GRUPO A.3 - Peças 19, 26, 28: com alturas constantes de 9 cm.
 GRUPO A.4 - Peça 23: exemplar com uma altura de ábaco de 11 cm.

5.2.2 Equino

Quanto a este elemento as alturas também não são muito distintas entre si já que oferecem uma variação de apenas 6 cm. Estabelecemos quatro grupos em relação às alturas do equino sendo a dimensão mais frequente a que se situa entre os 7 e os 8,5 cm, incluindo onze exemplares, ou seja, os grupos E.2 e E.3 concentram cerca de 69% dos exemplares.

- GRUPO E.1 - Peças 15, 25, 28: exemplares com uma altura de 6 / 6,5 cm.
 GRUPO E.2 - Peças 14, 17, 19, 24, 26: com alturas que variam entre os 7 e os 7,5 cm.
 GRUPO E.3 - Peças 16, 18, 20, 22, 23, 29: com uma altura de 8 / 8,5 cm.
 GRUPO E.4 - Peças 21, 27: com alturas de 10 cm.

No que se refere aos diâmetros apresentados pelos *puluini*, no que se refere aos discos frontais, observamos que a relação entre a sua dimensão e a do equino é praticamente idêntica, o que não suscita grandes comentários uma vez que existe uma relação directa entre os dois elementos neste tipo de peças. Essas alterações volumétricas tornam-se mais evidentes no caso de discos decorados dos capitéis jónicos.

5.2.3. Hypotrachelio

Este é o elemento que oferece uma grande amplitude de medidas. Com efeito, elas distribuem-se entre os 5 cm – peça 26 – e os 27 cm – 29. Este último capitel salienta-se, de facto, pela altura atingida por este elemento devendo ser encarado como excepção.

Estabelecemos cinco grupos morfométricos, de entre os quais o mais homogéneo é o que corresponde à altura de 8 cm, medida em que se incluem cinco exemplares.

- GRUPO H.1 - Peças 23, 25, 26 e 27: com alturas que variam entre os 5 e os 7 cm.
 GRUPO H.2 - Peças 15, 16, 22, 24: com alturas constantes de 8 cm.
 GRUPO H.3 - Peças 17, 18, 19, 20: com alturas que variam entre os 9 e os 10 cm.
 GRUPO H.4 - Peças 14, 21, 28: com alturas variáveis entre os 12 e os 14 cm.
 GRUPO H.5 - Peça 29: com uma altura de 27 cm.

5.2.4 Sumoscapo

Este é o elemento que apresenta maiores variações apresentando dimensões que variam entre os 4 cm – exemplar 23 – e os 25 cm – peça 17 -.

- GRUPO S.1 - Peça 23: altura de 4 cm.

- GRUPO S.2 - Peça 24: altura de 8 cm.
 GRUPO S.3 - Peças 18: altura de 10 cm.
 GRUPO S.4 - Peças 14, 15, 16, 19, 20, 21 e 25: com alturas variáveis entre os 11 e os 14 cm.
 GRUPO S.5 - Peças 22, 26: com alturas variáveis entre os 17 e os 19 cm.
 GRUPO S.6 - Peça 17: com uma altura de 25 cm.

5.3. Considerações Sobre os Grupos Morfométricos dos Capitéis Jónicos lisos de Influência Toscana

Se partirmos do modelo vitruviano, segundo o qual, como já tivemos ocasião de referenciar várias vezes, o capitel toscano é dividido em três partes iguais, correspondendo cada uma, respectivamente, ao ábaco, equino e *hypotrachelio*, observamos que, **de entre** os dezasseis **exemplares** que integram este grupo, apenas dois apresentam precisamente as mesmas dimensões para as três partes constituintes – 16 e 22 – ainda que também se possam incluir mais dois **exemplares** neste conjunto – 24 e 25 – pela pouca diferença métrica que as várias partes apresentam, variabilidade que pode ser atribuída ao desgaste da superfície. Ainda assim, poucos capitéis correspondem rigorosamente ao modelo canónico vitruviano, possibilitando-nos concluir que não existe uma correspondência directa entre a aplicação daquele modelo e uma atribuição cronológica restrita.

Ao analisarmos o QUADRO N.º 7 podemos observar que não se verificam grandes constantes entre os grupos morfológicos e os grupos morfométricos, no que diz respeito ao conjunto que acima indicámos como apresentando dimensões próximas do modelo vitruviano. Quanto aos capitéis 16 e 22, no entanto, as únicas diferenças verificadas correspondem às apresentadas pelo sumoscapo, aspecto que, como já várias vezes referimos, não tem qualquer importância em termos de proporção no conjunto do capitel.

QUADRO N.º 6

CAPITÉIS JÓNICOS LISOS DE INFLUÊNCIA TOSCANA COMPARAÇÃO DOS DADOS MORFOMÉTRICOS

Elementos Constituintes	Peças N.ºs	N.ºs de Ocorrências
ÁBACO > EQUINO	14/15/17/19/21/23/24/26/28	9
ÁBACO < EQUINO	27	1
ÁBACO = EQUINO	16/18/20/22/29	5
ÁBACO > HYPOTRACHELIO	23/25/26/27	4
ÁBACO < HYPOTRACHELIO	14/15/17/18/20/28/29	7
ÁBACO = HYPOTRACHELIO	19/22/24/25	4
ÁBACO = EQUINO = HYPOTRACHELIO	16/22	2
ÁBACO / EQUINO / / HYPOTRACHELIO - SEMELHANTES	16/22/24/25	4

Retomando as comparações morfométricas constatamos que, em termos de análise relativa, o mais frequente é o ábaco apresentar uma altura superior (oito exemplares) ou igual à do equino (sete peças).

Quanto ao *hypotrachelio*, em seis exemplares este elemento é mais alto que o ábaco, ao contrário dos quatro capitéis onde esta relação é inversa. Com dimensões iguais para estes elementos temos cinco capitéis (dois deles com uma diferença de 0,5 cm)

Estas ocorrências podem ser facilmente visualizadas no QUADRO N.º 6 onde são comparados os diversos dados morfométricos e apontados os números de ocorrências.

QUADRO N.º 7
CAPITÉIS JÓNICO LISOS DE INFLUÊNCIA TOSCANA
RELAÇÃO GRUPOS MORFOLÓGICOS / GRUPOS MORFOMÉTRICOS

N.º	Grupo Morfológico	Grupo Ábaco	Grupo Equino	Grupo Hypotrc.	Grupo Sumosc.
14	1	A.1	E.3	H.4	S.4
15	1	A.1	E.2	H.2	S.4
16	1	A.2	E.4	H.2	S.4
17	1	A.2	E.3	H.3	S.6
18	1	A.2	E.4	H.3	S.3
19	1	A.3	E.4	H.3	S.4
20	1	A.2	E.4	H.3	S.4
21	1	A.2	E.5	H.4	S.4
22	1	A.2	E.4	H.2	S.5
23	1-a)	A.5	E.5	H.1	S.1
24	2	A.2	E.3	H.2	S.2
25	2	A.1	E.2	H.1	S.4
26	2	A.3	E.3	H.1	S.5
27	3	A.2	E.6	H.1	-
28	3	A.3	E.2	H.4	-
29	3 (?)	A.2	E.4	H.7	-

Quanto aos aspectos morfológicos, o grupo mais frequente é, sem dúvida, o que corresponde ao GRUPO 1 que engloba cerca de 63 % dos exemplares.

5.4. Considerações Cronológicas sobre os Capitéis Jónicos lisos de Influência Toscana

No que se refere à cronologia destes elementos ela deverá ter em conta as considerações referidas para os capitéis toscanos. Com efeito, pensamos que ambos se enquadram num mesmo programa arquitectónico projectado num dado momento para a cidade sob o novo domínio político. O projecto de monumentalização deste novo espaço urbano pressupunha uma regularização a que o novo direito administrativo daria corpo.

Atribuimos a estes exemplares a mesma cronologia indicada para os seus congéneres toscanos. Mais que uma diferenciação cronológica, a escolha do capitel jónico liso em desfavor do toscano dever-se-á, em nossa opinião, a distintas integrações arquitectónicas. Tratar-se-á, possivelmente, de simples varian-

tes decorativas das ordens arquitectónicas então mais conhecidas. Por alguma razão que desconhecemos, as ordens eleitas, não foram nem a coríntia nem a jónica, mais vulgares no restante Império, mas sim a toscana com a sua variante jónica. A uniformidade de todos os exemplares indica-nos, seguramente, uma mesma cronologia e um mesmo programa decorativo.

6. Conclusão

Hoje correspondente à aldeia de S. Salvador de Aramenha (Marvão), a cidade romana de *Ammaia*, é-nos referida por uma inscrição datada de 44/45 (Encarnação, 1984, p. 676 e 677, n.º 615) encontrada no local que indica a *civitas ammaiensis* com a consagração ao imperador Cláudio. Apenas deverá ter sido sede de *civitas* a partir do reinado deste imperador, o qual, certamente, lhe terá igualmente atribuído o título de *municipium*. Outras inscrições (uma da época de Nero – Encarnação, 1984, p. 679-681, n.º 618), indicam-nos uma administração local orgulhosa do seu respeito pelas normas romanas.

A cidade romana de *Ammaia* não é referenciada por Plínio. Isto não significa, porém, ao contrário do que por vezes se pretende supor, que não fosse capital de *civitas* ao tempo de Augusto. Diz-nos Jorge de Alarcão que as inscrições aí encontradas, de 44 ou 45 d.C., apresentam já a designação de *civitas Ammaiensis*, concluindo o autor que “poderemos admitir que *Ammaia* ainda não era *civitas* no tempo de Augusto, o que explicaria o silêncio de Plínio” (1990, p. 23). Apesar de referir que se pode tratar simplesmente de um esquecimento daquele autor latino, duvida ter sido só em época mais tardia que tenha sido elevada a capital sugerindo a época de Cláudio como cronologia.

Não sabemos, com efeito, em que época ocorreu tal nobilitação. Todavia, os vestígios colocados recentemente a descoberto apontam-nos para uma época coincidente com o início da época imperial. A estruturação geral que a cidade parece ter sofrido sob o novo domínio – possível teatro, entrada monumental, ruas porticadas, praça de entrada, templo, termas... – indica-nos uma reorganização integral do espaço que, a nosso ver, pode ser localizada cronologicamente nos inícios do Império.

Alguns pormenores construtivos, como seja o caso do talhe em V da união dos silhares, que se pode observar junto à entrada principal da cidade e que tem paralelos com construções de época augustana – teatro romano, galerias romanas da Rua da Prata, ambas em Lisboa, e a ponte de Mérida –, assim como a arquitectura do arco de entrada, muito semelhante à de *Emerita Augusta* tal como é representado nas moedas daquela cidade, podem ser alguns aspectos abonatórios para uma atribuição cronológica mais recuada.

Por outro lado, o facto de as várias construções empregarem o granito, pedra local, como matéria-prima, aliado à existência de alguns elementos decorativos realizados em mármore, indicam-nos um primeiro momento de “marmorização” da cidade, caracterizado por um uso circunstanciado daquele material³².

³² Surgem-nos assim, alguns frisos e cornijas, bem como algumas colunas de mármore de coloração branca acinzentada com vergadas cinzentas escuras. Algumas epígrafes são igualmente executadas em mármore esbranquiçado. O balneário, recentemente posto a descoberto, apresenta

Não existe pois, uma marmorização global deste centro urbano, antes pequenos apontamentos de utilização de tal matéria-prima que contrastam com o emprego generalizado do granito em todas as construções da cidade.

O título de sede de *civitas* certamente terá obrigado a uma renovação urbanística. As escavações recentemente efectuadas permitiram conhecer a entrada da cidade, local que até aos nossos dias continuava a ser sinalizado por uma torre circular, a qual terá perdurado durante a época medieval e moderna. É curiosa a semelhança evidenciada com as portas da cidade de Mérida, tal como nos são mostradas pelas moedas da capital de província, como aliás já referimos.

Embora desconheçamos a evolução desta cidade, quer em termos administrativos – apesar de ser sede de *civitas* – quer em termos de evolução urbanística, sabemos que a ocupação intensiva do local perdurou até épocas bastante tardias, o que nos é comprovado por materiais cerâmicos recentemente encontrados, nomeadamente *sigillatas* claras que apontam cronologias até ao séc. IV ou mesmo V³³.

É dentro deste contexto urbanístico que teremos que enquadrar o estudo sobre os capitéis de época romana provenientes de *Ammaia*. Como já observámos no início desta análise, os capitéis que designamos como “jónicos lisos de influência toscana” não correspondem a capitéis jónicos degenerados, antes constituem o prenúncio do emprego da ordem jónica. Muito mais perto da ordem toscana, o adossamento de *puluini* laterais é, a nosso ver, uma simples concessão às influências que, já nessa altura, se faziam sentir vindas de *Emerita Augusta*, mercê das importantes campanhas construtivas então levadas a cabo na capital, onde a ordem jónica foi largamente utilizada.

A proximidade geográfica em relação a *Ammaia*, sublinha, em nossa opinião, essa hipótese. Faltam-nos, no entanto, paralelos para estas peças que corroborem a cronologia proposta, que fazemos recuar, em termos gerais aos finais do séc. I a.C. Os capitéis que mais se aproximam dos que agora estudamos são, indiscutivelmente, exemplares emeritenses. Mas situa-se precisamente aqui a grande dificuldade. Estas peças são datadas por Gutierrez Behemerid como exemplares tardios do séc. IV.

Num estudo, publicado em 1992, a autora apresenta-nos uma fotografia de um capitel que corresponde inteiramente às peças de *Ammaia*, referindo ainda outros dois exemplares. A única diferença consiste na existência de dois pequenos listéis, relevados, a representar o fuso do *puluinus* (1992, p. 38, n.º 122)³⁴. A autora faz igualmente referência a mais outras duas peças, sobre as quais apresenta uma descrição idêntica à primeira, mas das quais não apresenta fotografia, ainda que pensemos serem similares.

Numa recente visita àquela cidade foi-nos possível observar, quer na Casa do Anfiteatro, quer na Junta Provincial da Estremadura (edifício recentemente

capeamentos de mármore branco/beige cuja composição e características nos indicam ser proveniente de camadas superficiais de filões daquele material.

³³ Cerâmicas que podem facilmente ser encontradas pelos campos circundantes, para além do achado desses materiais ter sido confirmado pelo director da escavação.

³⁴ A cronologia do exemplar é indicada num outro artigo, para o qual a autora remete: G. Behemerid, 1988, p. 82, n.º 44.

construído no local onde antigamente se situaria a Mouraria da cidade integrando antigas estruturas romanas) inúmeros capitéis que se aproximam, de forma evidente quer dos capitéis toscanos, quer dos designados “jónicos lisos de influência toscana” provenientes de *Ammaia*. A estrutura morfológica é a mesma, a justaposição dos vários elementos constituintes decalcável, tal como são idênticos a ausência de ornamentação plástica e o emprego de pedra local para a sua realização.

Tais semelhanças não poderão corresponder, em nossa opinião, a simples casualidade, ou ao retomar de uma morfologia mais antiga antes ensaiada numa *ciuitas* longínqua e depois empregue na capital de província. Perante tal incongruência recuaríamos a datação dos capitéis de Mérida para a época de fundação da cidade, altura em que se justifica o emprego de elementos arquitetónicos mais rudes, talvez utilizados para decoração de edifícios mais modestos do que as majestosas e mediáticas construções que ostentariam capitéis jónicos e coríntios de assinalável qualidade e de rebuscado desenho³⁵.

Talvez relacionáveis com um fundo indígena, apesar de a cidade ser tradicionalmente considerada como de nova fundação, estes exemplares de *Emerita Augusta* poderiam, deste modo, ter servido de modelo para os que, em época não distinta, encontraremos nas cidades mais ocidentais de novo direito romano. Se ali ocupavam um lugar modesto, passam aqui a desempenhar um papel importante na nova decoração arquitetónica que inaugura o distinto domínio político.

Abandonando o único elo de pormenor que os grossos listéis consubstanciavam quanto ao fuso central dos *puluini*, estas peças de *Ammaia* despem-se desse simples ornamento e reelaboram a tipologia do capitel toscano que lhes era próxima e mais familiar, facto que nos é atestado pela dispersão do capitel toscano no actual território nacional.

A classificação de G. Behemerid deverá ter tido em linha de conta, antes de mais, a esquematização destes espécimes. Confundindo simplificação com alteração do cânone clássico, estas peças não podem ser, quanto a nós, confundidas com o tipo “jónico liso” a que fizemos referência no início deste capítulo. Correspondem sim a uma corrente totalmente distinta que prenuncia, se bem que apenas em termos estruturais, a nova ordem arquitetónica.

A decoração com estuque que poucos vestígios documentam em relação às peças emeritenses, coloca a questão de esses materiais corresponderem na capital, a elementos decorados segundo os modismos então em voga no centro do Império, tendo passado para as regiões mais ocidentais despidos desse trabalho. Distintas oficinas, produtos locais, escolha intencional da pedra ou repúdio do trabalho em estuque? São questões a que não sabemos responder. Apesar disso, é indiscutível o apreço que estas peças tiveram na região agora considerada,

³⁵ Quanto à problemática da fundação da cidade não existem dados seguros. Alguns autores colocam a hipótese de, no local, ter existido um povoado indígena, ainda que, até ao momento tal pressuposto não tenha sido arqueologicamente confirmado, questão que pode estar relacionada com dois tipos de factores, tal como nos indica Alvarez Martinez. Por um lado por não existirem escavações em locais onde se poderia localizar o núcleo original da povoação, por outro, a nova cidade romana poderá ter destruído completamente a antiga ocupação. Vide A. Martinez, 1983, p. 13. Cf. com a bibliografia indicada.

tendo sido as escolhidas para o programa decorativo arquitectónico de, pelo menos, uma cidade na sua quase totalidade.

Embandeirando orgulhosamente o novo estatuto, estas pedras, nuas mas altivas, certamente terão feito justiça à vontade de serem romanas.

7. Catálogo³⁶

CAPITEL N.º 1

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Largo de St.ª Maria, Marvão; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão grosso de coloração amarelada com muitos feldspatos pretos; **Dimensões** – ALT. 52, AB. – 9, DIM. AB. – 52X52, EQ. – 8, HYP. – 11, SUM. – 24/25, PER. – 114, DIA. MAX. – 35; **Est. Cons.** – razoável, superfície ligeiramente erodida, ábaco partido; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 3); **Observações** – apesar desta peça se encontrar em Marvão pensamos que será proveniente de S. Salvador de Aramenha.

CAPITEL N.º 2

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – em casa do Sr. João da Costa Cotão Júnior, Quinta da Aramenha em S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel toscano de coluna de adossamento; **Matéria** – granito de grão fino/médio de coloração acinzentada com muitos feldspatos pretos; **Dimensões** – ALT. 33; EQ. – 10, HYP. – 5, SUM. – 17, DIA. MAX. – 39; **Est. Cons.** – razoável, superfície muito erodida; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 4); **Observações** – a peça encontra-se colocada ao contrário (ábaco para baixo) e cimentada inferiormente pelo que não é possível observar a zona correspondente à parte superior do exemplar.

CAPITEL N.º 3

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão em S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão fino; **Dimensões** – AB. – 10, EQ. – 10, HYP. – 12, DIA. MAX. – 36 (?); **Est. Cons.** – razoável, superfície ligeiramente erodida, ábaco partido; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 5); **Observações** – apesar desta peça se encontrar em Marvão pensamos que será proveniente de S. Salvador de Aramenha.

CAPITEL N.º 4

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão em S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão fino; **Dimensões** – ALT. 36, AB. – 6, DIM. AB. – 39X39, EQ. – 8, HYP. – 8, SUM. – 14; **Est. Cons.** – ábaco muito partido; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 6); **Observações** – peça ainda *in situ* pelo que não se consegue observar na totalidade. As dimensões indicadas, como seja o caso das medidas do ábaco, poderão, por este facto, não ser totalmente correctas.

CAPITEL N.º 5

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão em S. Salvador de Ara-

³⁶ As dimensões que se apresentam são (em cm): ALT. – altura do exemplar; AB. – altura do ábaco; DIM.AB. – dimensões do ábaco; EQ. – altura do equino; HYP. – altura do *hypotrachelio*; SUM. – altura do sumoscapo; PER. – perímetro do sumoscapo (base); DIAM. – diâmetro do sumoscapo (base); DIAM. PULV. – diâmetro dos *pulvini* (frontais); DIAM. MAX. – diâmetro máximo.

menha; **Classificação** – capitel toscano de coluna (?); **Matéria** – granito de grão fino; **Dimensões** – ALT. – 36, AB. – 6, DIM. AB. – 39X39, EQ. – 8, SUM. – 14, DIA. – 28; **Est. Cons.** – mau, peça muito erodida sobretudo na zona do ábaco; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 7); **Observações** – Uma vez que a peça se encontra enterrada no solo torna-se difícil observar as dimensões da sua parte superior.

CAPITEL N.º 6

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*, junto ao teatro (?); **Local. Actual** – junto ao teatro romano de *Ammaia* (?), S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão médio/grosso; **Dimensões** – ALT. – 30, DIM. Máx. – 50X46, EQ. – 8 (?), HYP. – 7, SUM. – 10, DIAM. – 41; **Est. Cons.** – muito mau. A peça encontra-se partida na parte superior não se conservando o ábaco. Toda a superfície se encontra desgastada não sendo possível analisar os diversos elementos constituintes; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 8); **Observações** – a peça foi encontrada em 1996 durante os trabalhos de limpeza do local que os arqueólogos identificaram como tendo sido um teatro. Deste edifício não resta, no entanto, nenhuma evidência a não ser a topografia do terreno em forma semi-circular.

CAPITEL N.º 7

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão fino; **Dimensões** – ALT. – 35, AB. – 8, DIM. AB. – 41X 41, EQ. – 6, HYP. – 8,5, SUM. – 12,5, DIAM. – 21; **Est. Cons.** – bom, ainda que o ábaco esteja partido; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 9); **Observações** –

CAPITEL N.º 8

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão fino; **Dimensões** – ALT. – 31, AB. – 7, DIM. AB. – 35 X 35, EQ. – 7, HYP. – 7, SUM. – 10, DIAM. – 21; **Est. Cons.** – muito bom ainda que o ábaco se encontre partido nos ângulos. **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 10); **Observações** –

CAPITEL N.º 9

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão fino; **Dimensões** – ALT. – 31, AB. – 7, DIM. AB. – 37 X 37, EQ. – 6,5, HYP. – 7, SUM. – 9, DIAM. – 22; **Est. Cons.** – muito bom ainda o ábaco se encontra partido nos ângulos. **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 11); **Observações** –

CAPITEL N.º 10

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão fino; **Dimensões** – ALT. – 38, AB. – 8, DIM. AB. – 45 X 45, EQ. – 8, HYP. – 14,5, SUM. – 8,5, DIAM. – 29; **Est. Cons.** – muito bom. Canto do ábaco partido. **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 12); **Observações** –

CAPITEL N.º 11

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – peça colocada no lado esquerdo de uma eira situada na estrada que vai de S. Salvador de Aramenha para Castelo de Vide (lado esquerdo da estrada); **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão fino; **Dimensões** –

ALT. – 43, AB. – 7, SUM. – 22, DIAM. – 22; **Est. Cons.** – muito mau. Peça muito desgastada não se conseguiu observar os diversos elementos compositivos a não ser a parte inferior correspondente ao sumoscapo. **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 13); **Observações** –

CAPITEL N.º 12

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Largo de St.ª Maria em Marvão; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão grosso, de coloração esbranquiçada e com alguns feldspatos negros; **Dimensões** – ALT. – 48, AB. – 12, DIM. AB. – 60, EQ. – 9,5, HYP. – 13, SUM. – 13,5, DIAM. – 49; **Est. Cons.** – bastante mau. Superfície muito erodida; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 14); **Observações** – por informação do Sr. Presidente da Junta de Freguesia soubemos que esta peça se encontrava há alguns anos na Rua do Relógio, em Marvão. Tal facto não obsta, no entanto, a que consideremos quase como certa a sua proveniência da cidade romana de *Ammaia*.

CAPITEL N.º 13

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Largo de St.ª Maria em Marvão; **Classificação** – capitel toscano de coluna; **Matéria** – granito de grão grosso, de coloração acinzentada clara, com alguns feldspatos negros; **Dimensões** – ALT. – 40, AB. – 11, DIM. AB. – 58, EQ. – 10, HYP. – 11, SUM. – 8, DIAM. – 49; **Est. Cons.** – bastante mau. Superfície muito erodida; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 15); **Observações** – apesar desta peça se encontrar em Marvão, tal não obsta a que consideremos quase como certa a sua proveniência da cidade romana de *Ammaia*.

CAPITEL N.º 14

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão fino/grão médio; **Dimensões** – ALT. – 40, AB. – 8, DIM. AB. – 50 X 50, EQ. – 7, HYP. – 12, SUM. – 12, PER. – 105, DIAM. – 32; **Est. Cons.** – muito bom; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 22); **Observações** –

CAPITEL N.º 15

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão fino/grão médio; **Dimensões** – ALT. – 37, AB. – 7, DIM. AB. – 41x?, EQ. – 6, HYP. – 8, SUM. – 13/14, PER. – 79, DIAM. – 25; DIAM. PULV. – 6; **Est. Cons.** – muito bom; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 23); **Observações** –

CAPITEL N.º 16

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão fino/grão médio; **Dimensões** – ALT. – 39, AB. – 8, DIM. AB. – 52 X 52, EQ. – 8, HYP. – 8, SUM. – 14, PER. – 119, DIAM. – 37; **Est. Cons.** – parte do ábaco partido, bem como um dos topos do *pulvillus*; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 24); **Observações** –

CAPITEL N.º 17

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão fino/grão médio; **Dimensões** – ALT. – 52, AB. – 8, DIM. AB. – 45 X 45,

EQ. – 7, HYP. – 10, SUM. – 25, PER. – 107, DIAM. – 34; **Est. Cons.** – muito bom; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 25); **Observações** –.

CAPITEL N.º 18

N.º **Inv.** – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão fino/grão médio; **Dimensões** – ALT. – 39, AB. – 8, DIM. AB. – 44 X 44, EQ. – 8, HYP. – 10, SUM. – 10, DIAM. – 28; **Est. Cons.** – bom; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 26); **Observações** –.

CAPITEL N.º 19

N.º **Inv.** – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta do Deão (pátio de entrada) S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão fino/grão médio; **Dimensões** – ALT. – 38, AB. – 9, DIM. AB. – 45 X 45, EQ. – 7,5, HYP. – 9, SUM. – 11, PER. – 108, DIAM. – 28; **Est. Cons.** – razoável; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 27); **Observações** –.

CAPITEL N.º 20

N.º **Inv.** – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – cidade romana de *Ammaia*. Peça *in situ*, reaproveitada no interior do peristilo de uma habitação; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão médio; **Dimensões** – ALT. – 38, AB. – 8, DIM. AB. – 53 X 55, EQ. – 8, HYP. – 10, SUM. – 11, DIAM. – 35; DIAM. PULV. – 8; **Est. Cons.** – muito bom; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 28); **Observações** –.

CAPITEL N.º 21

N.º **Inv.** – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Largo de St.ª Maria em Marvão; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão médio de cor acinzentada com bastantes micas; **Dimensões** – ALT. – 46, AB. – 8, EQ. – 10, HYP. – 14, SUM. – 14, DIAM. – 37; DIAM. PULV. – 10, PER. – 119; **Est. Cons.** – partido no ábaco e nos *pulvini*; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 29); **Observações** – apesar desta peça se encontrar em Marvão, tal não obsta a que consideremos quase como certa a sua proveniência da cidade romana de *Ammaia*.

CAPITEL N.º 22

N.º **Inv.** – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta da Aramenha, em casa do Sr. João da Costa Cotão Júnior; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão grosso com muitos elementos quartzíticos e feldspatos negros; **Dimensões** – ALT. – 42, AB. – 8, DIM. AB. – 50x?, EQ. – 8, HYP. – 8, SUM. – 17, DIAM. – 38; DIAM. PULV. – 8; **Est. Cons.** – superfície muito erodida. *Pulvini* partidos, bem como os ângulos do ábaco; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 30); **Observações** –.

CAPITEL N.º 23

N.º **Inv.** – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – interior da casa da Quinta do Deão em S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão médio; **Dimensões** – ALT. – 30, AB. – 11, EQ. – 8,5, HYP. – 7, MOLD. – 0,5, SUM. – 4, DIAM. PULV. – 8, DIAM. – 32; **Est. Cons.** – razoável; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 31); **Observações** – peça encontrada na actual cozinha da Quinta do Deão quando, há alguns anos, aí foram realizadas escavações. Peça *in situ*, reaproveitada como tampa de um esgoto dos séc. III/IV.

CAPITEL N.º 24

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Quinta da Aramenha, em casa do Sr. João da Costa Cotão Júnior; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão médio; **Dimensões** – ALT. – 32, AB. – 8, EQ. – 7,5, DIM. AB. – 40 X 40, HYP. – 8, SUM. – 8, DIAM. – 24; **Est. Cons.** – razoável. Ábaco partido; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 32); **Observações** –

CAPITEL N.º 25

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – interior da casa da Quinta do Deão em S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão médio; **Dimensões** – ALT. – 30, AB. – 6,5, EQ. – 6,5, DIAM. PULV. – 7, HYP. – 6, DIM. AB. – 42x?, SUM. – 12; **Est. Cons.** – mau; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 33); **Observações** – peça em muito mau estado devido à reutilização que sofreu, tendo sido integrada na lareira da cozinha da Quinta do Deão (adossada na parede do lado esquerdo). Peça parcialmente rebocada.

CAPITEL N.º 26

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – interior da casa da Quinta do Deão em S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão médio; **Dimensões** – ALT. – 40, AB. – 9, EQ. – 7, DIAM. PULV. – 7, HYP. – 5, SUM. – 19; **Est. Cons.** – mau; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 34); **Observações** – peça em muito mau estado devido à reutilização que sofreu, tendo sido integrada na lareira da cozinha da Quinta do Deão (adossada na parede do lado direito). Peça parcialmente rebocada.

CAPITEL N.º 27

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Largo de St.ª Maria em Marvão; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão médio/fino, de coloração amarelada; **Dimensões** – ALT. – 27, AB. – 8, EQ. – 10, DIAM. PULV. – 8, DIM. AB. – 44 X 50, PER. – 132, DIAM. – 40, SUM. – ?; **Est. Cons.** – razoável. Superfície muito erodida; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 35); **Observações** – provalmente proveniente da cidade romana de *Ammaia*.

CAPITEL N.º 28

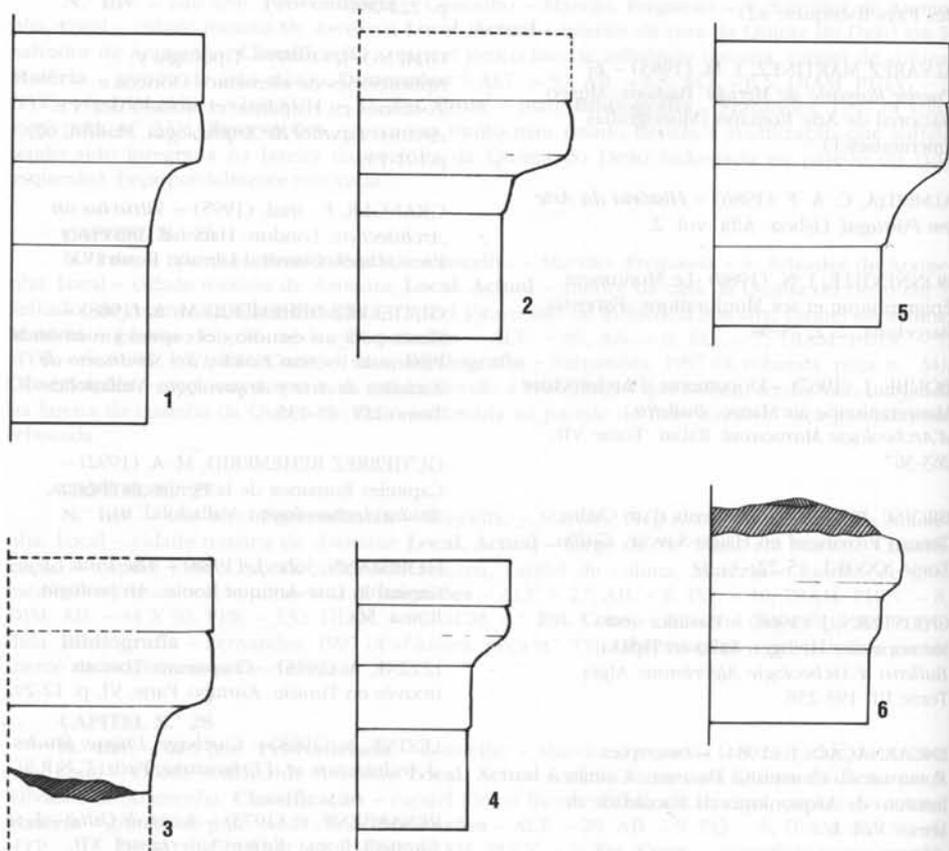
N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – pátio da casa da Quinta do Deão em S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – granito de grão médio/fino; **Dimensões** – ALT. – 29, AB. – 9, EQ. – 6, DIAM. PULV. – 6, HYP. – 13, DIAM. – 25, DIAM. AB. – 35x?; DIAM. PULV. – 6; **Est. Cons.** – superfície muito **erosionada**. Ábaco partido, sobretudo nos ângulos, bem como os topos dos *pulvint*; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 36); **Observações** –

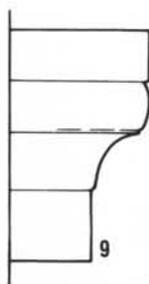
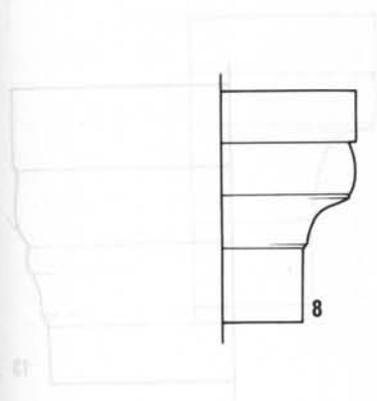
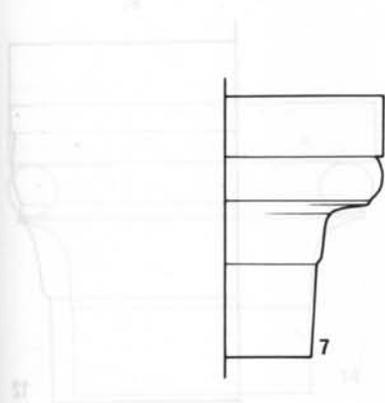
CAPITEL N.º 29

N.º Inv. – não tem. **Proveniência** – Concelho – Marvão, Freguesia – S. Salvador de Aramenha, Local – cidade romana de *Ammaia*; **Local. Actual** – Estrada Nacional 359 – portão da casa n.º 26/27 de S. Salvador de Aramenha; **Classificação** – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; **Matéria** – ?; **Dimensões** – ALT. – 43, AB. – 8, EQ. – 8, DIAM. PULV. – 7,5, DIAM. – 32, HYP. – 27; **Est. Cons.** – esta peça, incluída no murete de um portão, apresenta toda a superfície caiada; **Bibliografia** – Fernandes, 1997 (4 volumes, peça n.º 37); **Observações** –

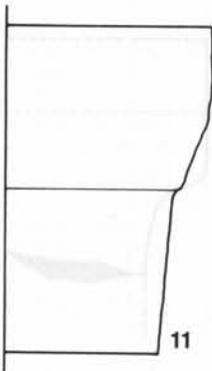
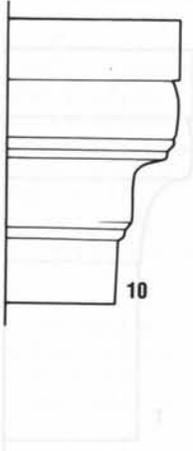
8. Bibliografia

- ALARCÃO, J. de (1988) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips, Ltd. Vol. I: 3
- ALARCÃO, J. de (1990) – Identificação das cidades da Lusitânia Portuguesa e dos seus territórios. *Les Villes de la Lusitanie Romaine*, Paris: C.N.R.S. p. 21-34. (Coll. De la Maison des Pays Ibériques; 42)
- ALVAREZ MARTINEZ, J. M. (1983) – *El Puente Romano de Mérida*. Badajoz: Museo Nacional de Arte Romano (Monografías Emeritenses;1).
- ALMEIDA, C. A. F. (1986) – *História da Arte em Portugal*, Lisboa: Alfa. vol. 2.
- BONNEVILLE, J. N. (1980) -Le Monument Epigraphique et ses Moulurations. *Faventia*. Barcelona. 2: 2, 75-98.
- BOUBE, J. (1967) – Documents d'Architecture Mauretanienne au Maroc. *Bulletin d'Archeologie Marocaine*. Rabat. Tome VII, 263-367.
- BROISE, P. (1969) – Éléments d'un Ordre Toscan Provincial en Haute-Savoie. *Gallia*. Tome XXVII:1, 15-22.
- CHRISTERN, J. (1968) – Basilika und Memorie der Heiligen Salsa in Tipasa. *Bulletin d'Archeologie Algérienne*. Alger. Tome III, 193-258.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. Vol. I.
- FERCHIOU, N. (1980) – Une cité antique de la dorsale tunisienne, aux confins de la Fossa Regia: Aïn Rhine et ses environs. *Antiquités Africaines*. Paris. T. 15, 231-259.
- FERNANDES, L. (1997) – *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Lisboa (4 volumes).
- Dissertação final de Mestrado apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FERNANDES, Lídia (1998) – Capitéis romanos do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S.4, 16, p. 222-284.
- GIMENO, J. (1989) – Tipología y Aplicaciones de elementos Dóricos e Toscanos en Hispania: el Modelo del N.E. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 62, p.101-139.
- GRANGER, F., trad. (1995) – *Vitruvius on Architecture*. London: Harvard University Press, (Loeb Classical Library; Book IV).
- GUTIERREZ BEHEMERID M. A. (1988) – Bases para un estudio del capitel jonico en la Peninsula Ibérica. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. Tomo LIV, 65-135.
- GUTIERREZ BEHEMERID, M. A. (1992) – Capiteles Romanos de la Península Ibérica, *Studia Archaeologica*. Valladolid. 81.
- HERRMANN, John J. (1988) – The Ionic Capital in Late Antique Rome. *Archeologia*. Roma. 56.
- LÉZINE, A. (1955) – Chapiteaux Toscans trouvés en Tunisie. *Kartago*. Paris. VI, p. 12-29.
- LÉZINE, A. (1968) – *Cartbage. Utique, Études d'Architecture et d'Urbanisme*. Paris: C.N.R.S.
- PENSABENE, P. (1973) – *Scavi di Ostia – I Capitelli*, Roma: Editori Laterza vol. VII.
- PENSABENE, P. (1986) – Le Merci gli Insediamenti. In *Società Romana e Impero Tardoantico*. Roma: Editori Laterza vol. III.
- TARDY, D. (1989) – Le Décor Architectonique de Saintes Antiques – les chapiteaux et bases. Paris: C.N.R.S., (Aquitania supplément; 5).

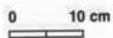
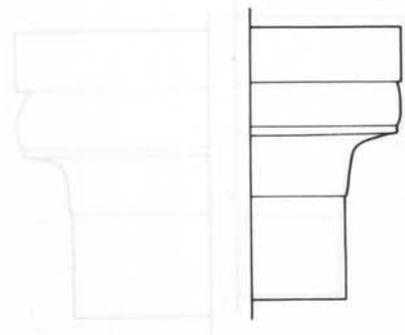
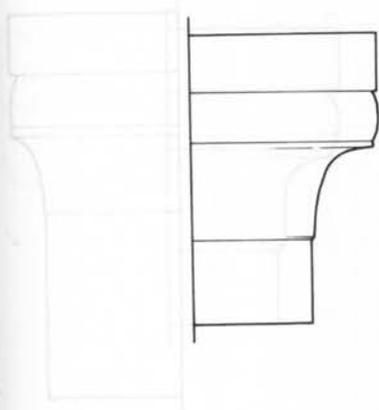
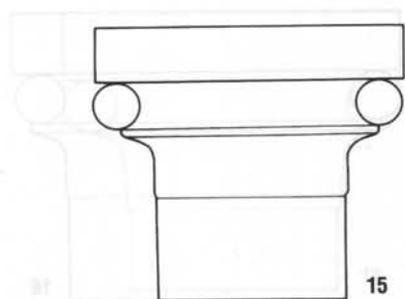
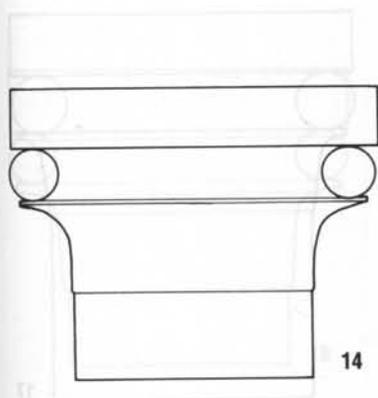


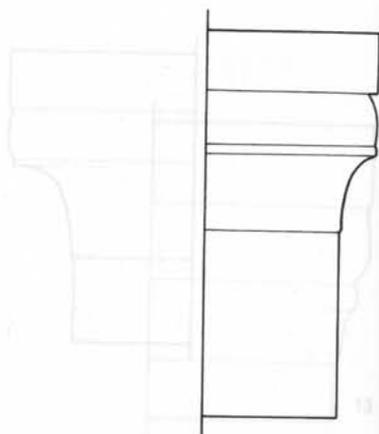
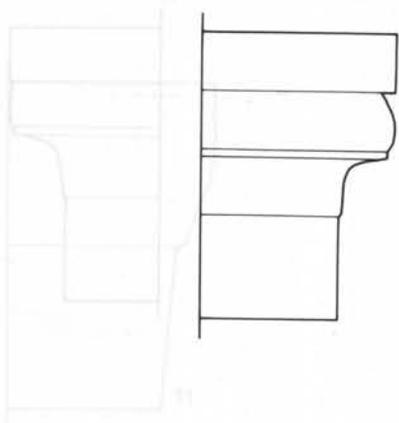
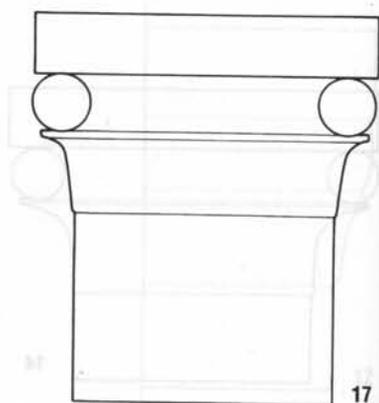
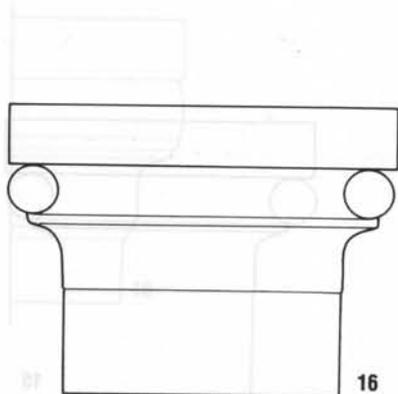


0 10 cm

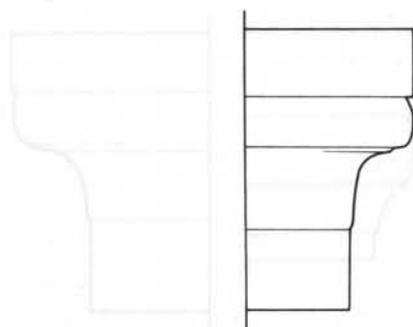
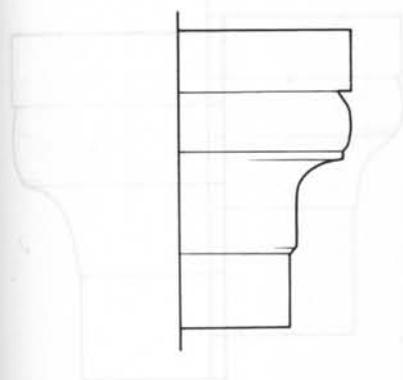
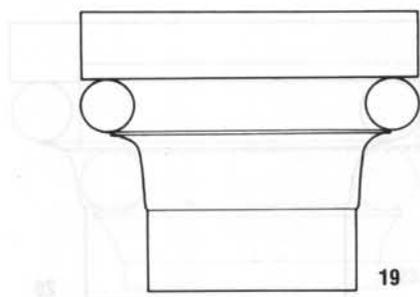
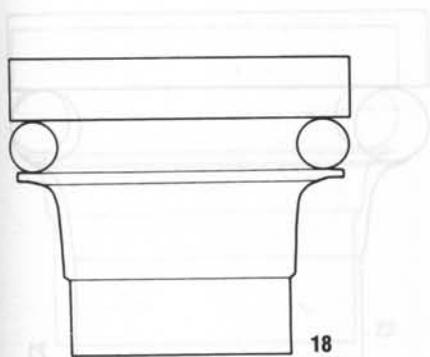


0 10 cm

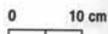
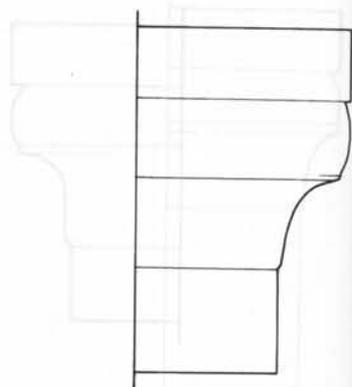
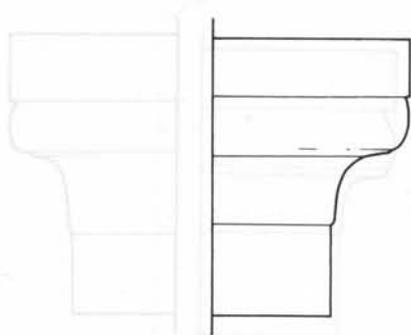
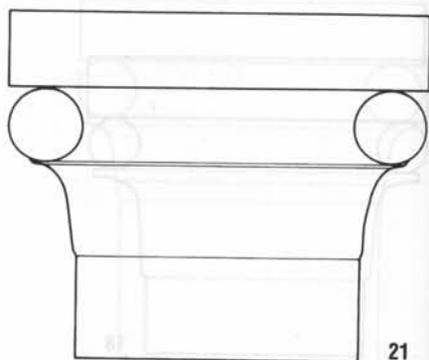
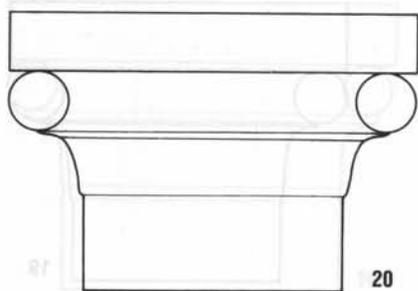


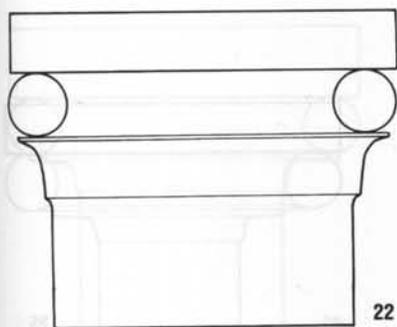


0 10 cm

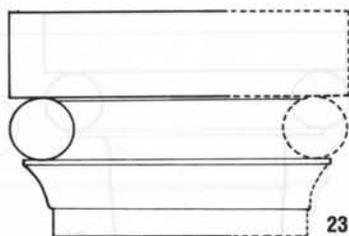


0 10 cm

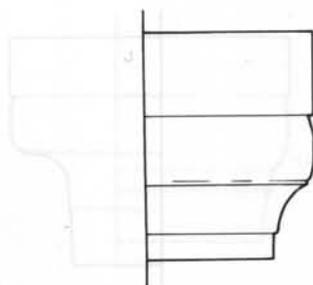
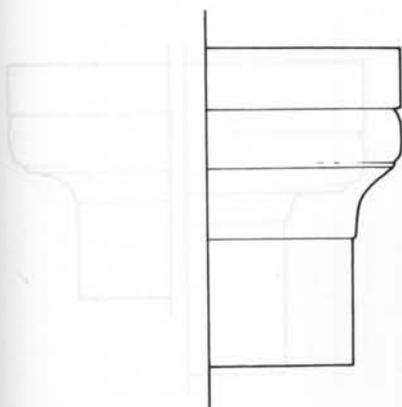




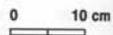
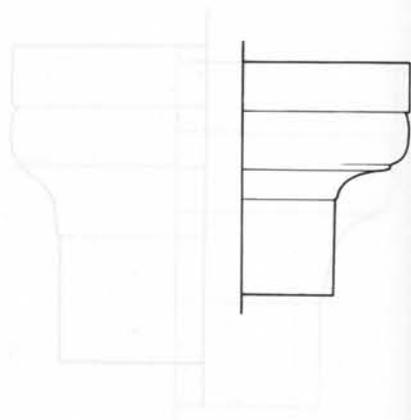
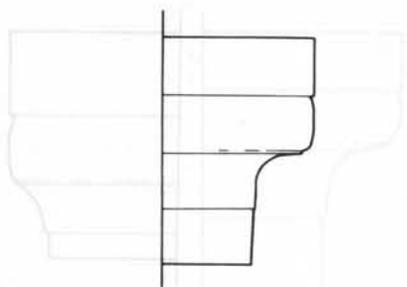
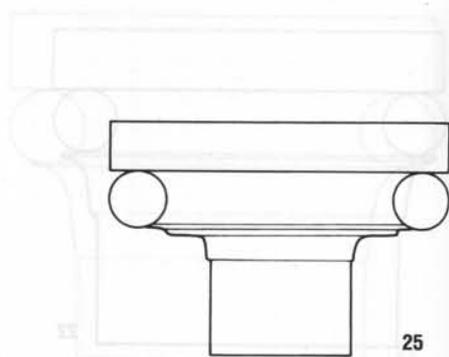
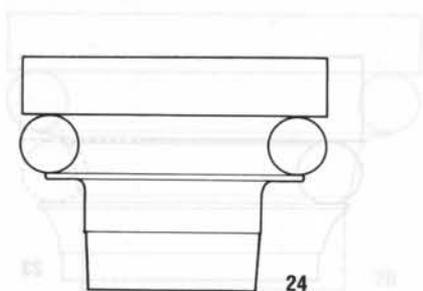
22

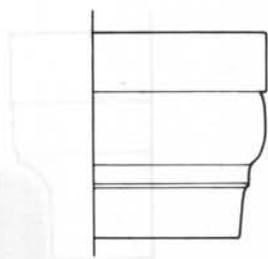
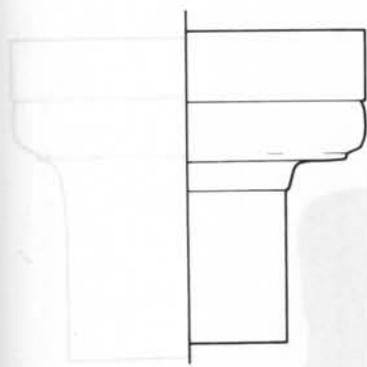
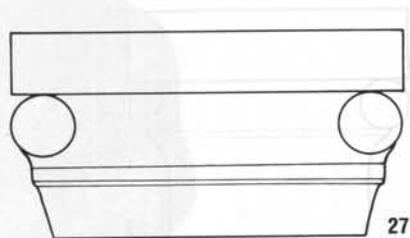
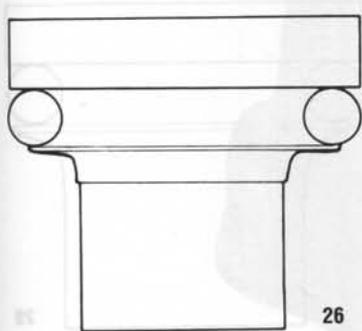


23

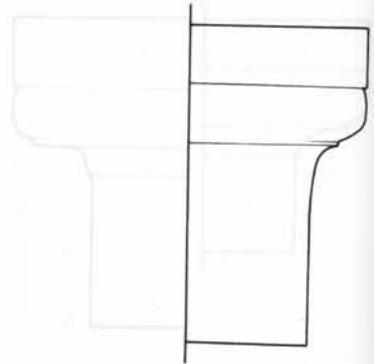
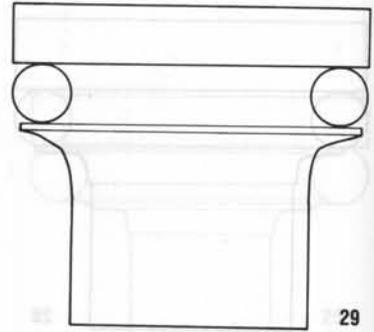
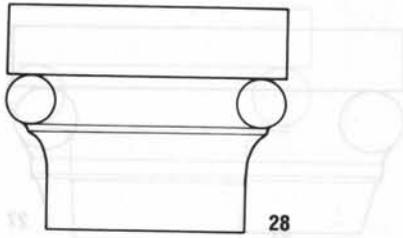


0 10 cm





0 10 cm



0 10 cm



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11

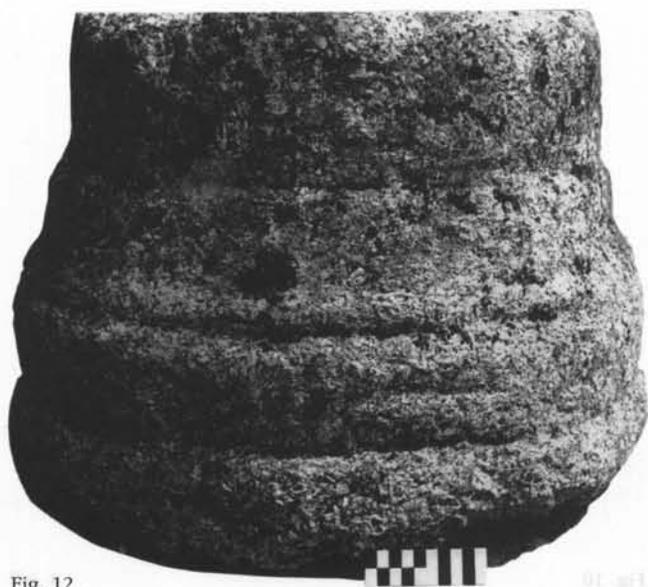


Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15

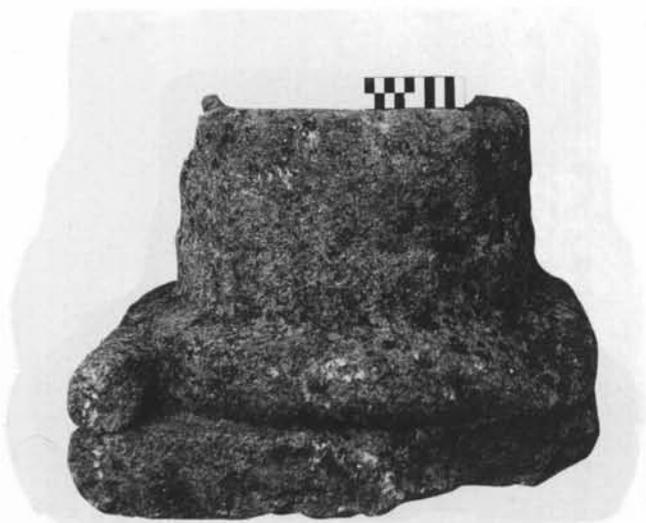


Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19



Fig. 20



Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24



Fig. 25

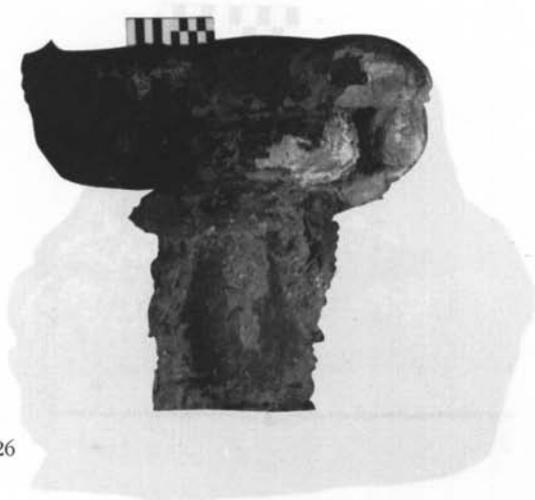


Fig. 26



Fig. 27



Fig. 28

A barragem de Chocapalhas (Tomar): exploração de recursos naturais



Fig. 29

Salete da Ponte*

Resumo

Estuda-se, neste artigo, a utilização dos materiais locais na construção da barragem de Chocapalhas (Tomar) e a finalidade desta obra hidráulica, situada no sistema da linha do Canal. É uma estrutura construída por cima de um aqüeduto, de tipo murado, de blocos irregulares de calcário (arenoso) da Serra-Florescência, compactado por argamassa de cal e areia bastante compacta. Esta barragem está relacionada com o aproveitamento hidroagrícola e industrial do território romano de Seilium (Tomar), e com o desenvolvimento agroindustrial na bacia Tâmega.

As características do portego permitem nos resultados que é um de água bruta, não descalcada, potável e industrial, e um conjunto de vestígios de arquitetura, de um lugar de arcaico e de um conjunto de vestígios, entre os séculos I e cerca de 300, usados para apanha da barragem. Por outro lado, a presença de partículas de osso alveolar no fundo da obra faz pensar que esta obra hidráulica estava também relacionada com a exploração e a indústria de osso animal na região.

*Folhas castas da Barragem romana, Seilium - Póvoa de Algodres e arredores.

Resumo

Este trabalho estuda a utilização dos materiais locais na construção da barragem romana-murada de Chocapalhas (Tomar) e a finalidade desta obra hidráulica.

Estuda-se, neste artigo, a utilização dos materiais locais na construção da barragem de Chocapalhas (Tomar) e a finalidade desta obra hidráulica. É uma estrutura construída por cima de um aqüeduto, de tipo murado, de blocos irregulares de calcário (arenoso) da Serra-Florescência, compactado por argamassa de cal e areia bastante compacta. Esta barragem está relacionada com o aproveitamento hidroagrícola e industrial do território romano de Seilium (Tomar), e com o desenvolvimento agroindustrial na bacia Tâmega.

*Folhas castas da Barragem romana, de Tomar.



Fig. 17



Fig. 18